



atos

do conselho geral

ano LXXVIII abril - junho 1997

Nº 359

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

**do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco**

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**Nº 359
ano LXXVIII
abril-junho
1997**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. P. Juan E. VECCHI "TEVE COMPAIXÃO DELES" Novas pobreza, missão salesiana e significatividade	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. P. Luc VAN LOOY A CONSULTA Informação preciosa para o discernimento	39
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor 4.2. Crônica do Conselho Geral	47 55
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. XIX Encontro de espiritualidade da Família Salesiana 5.2. Estatuto da Casa Geral 5.3. Novos Inspetores 5.4. Duas publicações do Instituto Histórico Salesiano Aprovação da ACSSA 5.5. Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.1996 5.6. Irmãos falecidos	62 65 66 74 77 79

Tradução: *P. José Antenor Velho*



Editora Salesiana
DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 — São Paulo - SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

Telex: (011) 32 431 ESPS BR

E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br

Home Page: <http://www.salesianos.org.br>

«TEVE COMPAIXÃO DELES» (Mc 6,34)

Novas pobreza, missão salesiana e significatividade

O novo cenário do nosso trabalho educativo. - A opção da Igreja. - O nosso caminho de reflexão. - Iniciativas concretas.

Olhando para o futuro: Uma nova leitura cristã da realidade. - Aprofundar as inspirações. - A pobreza do educador salesiano. - Fazer a opção pelos jovens pobres. - A nossa preocupação: educar. - Promover uma nova cultura. - Evangelizar partindo dos últimos. - Conclusão.

Roma, 30 de março de 1997

Páscoa da Ressurreição

Queridos irmãos,

Escrevo-lhes sob a impressão da Páscoa da Ressurreição. Ela oferece-nos neste ano uma singular oportunidade de fixar os olhos em Jesus Cristo, conforme o caminho proposto pela Igreja em vista do Jubileu do Ano 2000.

À luz que se desprende da sua figura propus-me comentar-lhes um ponto da nossa programação: buscar maior significatividade, colocando-nos mais decididamente a serviço dos jovens pobres.

O capítulo quarto das Constituições abre-se com uma citação do evangelho de Marcos: «*Viu uma grande multidão e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor, e começou a ensinar-lhes muitas coisas*» (Mc 6,34).

No Evangelho, é prelúdio e motivação para a multiplicação dos pães. Nas Constituições, introduz o discurso sobre os destinatários da nossa missão.

A evocação bíblica oferece um ícone eloqüente: uma multidão com fome e cansada, a comoção de Jesus ao contemplá-la, o desafio aos apóstolos para que resolvam o

problema, a declaração de impossibilidade por parte deles, a multiplicação miraculosa do alimento anteriormente insuficiente.

Para nós é uma chave de leitura pastoral da atual realidade juvenil e da missão a ser realizada com ela.

Ligada à imagem de Deus Bom Pastor, tirada do profeta Ezequiel e colocada na introdução ao capítulo primeiro das Constituições, recorda-nos que «na leitura do Evangelho somos mais sensíveis a certos traços da figura do Senhor: (...) a predileção pelos pequenos e pelos pobres; a solicitude no pregar, curar, salvar por causa da urgência do Reino que vem; a atitude do Bom Pastor que conquista com a mansidão e o dom de si»¹.

Cada pincelada adquire então um significado extremamente real. Existe hoje uma multidão de adultos e de jovens, que se move desorientada à espera de um sinal de solidariedade, carentes dos bens fundamentais para a vida. Para ela dirige-se a compaixão de Jesus que vai além de um sentimento humano. Exprime o coração misericordioso de Deus, a sua decisão pela felicidade e pela vida de cada homem.

Confia então o problema aos seus discípulos. Eles devem pensar no assunto, superando o sentimento de inadequação diante das dimensões do fenômeno, procurando os recursos disponíveis e dando-lhes a capacidade multiplicadora do amor.

A narração evangélica tem indicações interessantes quanto às atitudes que os discípulos de Cristo devem ter diante das necessidades humanas, espirituais ou materiais, e quanto aos caminhos para enfrentá-las: iluminar a consciência com a Palavra e construir solidariedade.

Há também uma lógica original no cálculo e no emprego dos recursos. Eles multiplicam-se ao infinito onde as relações entre as pessoas e com as coisas são reconstruídas à luz do gesto eucarístico.

¹ Const. 11

O novo cenário do nosso trabalho educativo

Os contextos em que trabalhamos vão-se modificando sob os nossos olhos. Os fatores econômicos, sociais e culturais estão determinando uma nova configuração das sociedades. Variam, portanto, ao menos parcialmente, as urgências da nossa missão: os sujeitos a preferir, as mensagens evangélicas a difundir e os programas educativos a conservar.

O cenário é marcado por um fenômeno: a pobreza. Não se trata só da condição de alguns; é o drama da humanidade; mais ainda que material, é um drama espiritual. Em nível mundial, a pobreza apresenta dimensões trágicas e os seus efeitos são devastadores sobre pessoas e povos. Com razão as mais altas autoridades científicas e religiosas têm-nas repetidamente denunciado.

As imagens dessa pobreza entram às vezes em nossas casas pela televisão, suscitando sentimentos de compaixão e levantando discussões salutares. Basta pensar na fome, «um escândalo que está durando muito», «que compromete o presente e o futuro de um povo» e «está destruindo a vida» segundo o último documento relativo ao assunto, oferecido pelo Pontifício Conselho *Cor Unum*². Ou o êxodo de milhares de refugiados, vítimas de contraposições raciais, discriminação religiosa e rivalidade estimulada com arte. Ou ainda a urbanização precária sem condições mínimas de trabalho, casa, serviços e participação civil, que constitui o fenômeno da marginalização cidadina.

Acrescentem-se a imigração ou o trabalho infantil, as servidões de vários gêneros, a situação das mulheres em muitos contextos, a exploração dos mais fracos, e teremos um quadro com tintas escuras, mas ainda incompleto dos sofrimentos humanos.

A pobreza surge hoje debaixo de muitíssimas formas,

² Cf. A fome do mundo, um desafio para todos, o desenvolvimento solidário.

mais numerosas do que no passado. Fala-se, com razão, de pobreza no plural, classificando-as em antigas e novas. Evidencia-se assim que algumas surgiram e estenderam-se recentemente. Estão, de fato, relacionadas com as atuais condições de vida: parecem, portanto, menos conhecidas em suas causas e mais expostas a juízos moralistas e a fáceis acusações de culpa.

Acrescentam-se hoje à falta de meios econômicos indispensáveis para a vida, que foi sempre tida como a principal forma de indigência, outras manifestações em que esse fator não é o principal ou o gerador: deficiências no ambiente familiar, falência da escola, desemprego, as várias dependências, a delinquência, a vida na rua. Não se devem também desvalorizar a falta de razões para viver, a falta de perspectivas humanas e espirituais, que desemboca em fenômenos conhecidos de compensação e evasão.

Contam-se também entre os pobres, nas sociedades mais avançadas e complexas, aqueles que ficam à margem das crescentes exigências de preparação cultural e técnica ou que se encontram na impossibilidade de satisfazer necessidades muito sentidas: identidade, uma normal inserção social, comunicação pessoal significativa, tempo livre, necessidade de formação, participação em projetos de maior amplitude.

Essa multiplicidade de formas torna a pobreza um fato universal. Mesmo as sociedades opulentas e tecnologicamente progredidas as incubam e desenvolvem como resultado residual do seu próprio sistema. Basta percorrer as ruas de uma cidade para perceber suas manifestações.

Existe uma inter-relação entre algumas formas de pobreza e o nosso estilo de vida. O mundo tornou-se interdependente no bem e no mal. A desocupação atual, o empobrecimento de muitos e a conseqüente redução das possibilidades educativas dependem do sistema econômico e de produção, que tem muitas qualidades, mas

não certamente a de colocar a pessoa no centro, nem de pensar no bem-estar mínimo indispensável para todos. Novas tragédias, que atingem grandes grupos de maneira quase anônima em diversas zonas do planeta, têm origem nas políticas econômicas e culturais de uma parte do mundo. Pense-se no fenômeno da dívida externa de alguns países, a respeito do que também a Igreja quis dar a sua palavra.

Existem quantidades de exemplos, ao alcance das mãos, que confirmam essa interdependência. O prolongar-se de situações limites devem-se certamente à falta de solidariedade social, à lentidão em definir e realizar os recíprocos deveres e direitos entre os povos num mundo unificado, que tarda em definir planos possíveis de desenvolvimento com recursos que certamente existem e se desperdiçam.

Segundo o parecer dos observadores e como confirmam as estatísticas, as pobreza no mundo não estão em diminuição, mas aumentam, sobretudo nas zonas em que há depressão. O ano de 1996 foi dedicado à erradicação da miséria. Pois bem, concluiu-se com uma constatação amarga. A miséria reproduz-se na mesma medida que se procura resolvê-la através de intervenções setoriais de dinheiro e de assistência.

Notava a *Centesimus Annus* que «...no mundo, apesar do progresso técnico-econômico, a pobreza ameaça assumir formas gigantescas. Existe nos países ocidentais a pobreza multiforme dos grupos marginalizados, dos velhos e doentes, das vítimas do consumismo e, mais ainda, a de tantos refugiados e imigrados; perfilam-se crises dramáticas no horizonte dos países em via de desenvolvimento, se não forem tomadas em tempo algumas medidas coordenadas internacionalmente»³.

Todas as formas de miséria bloqueiam e podem chegar a

³ CA 57

destruir as reservas educativas da pessoa. Atingem-nos de forma particular as que comprometem as possibilidades de crescimento dos jovens, embora reconhecendo que não são e não podem ser tratados como fenômenos isolados e autônomos.

As pobreza juvenis, com que nos encontramos diariamente, têm como causa a indigência econômica, as carências educativas e culturais, a precariedade familiar, a exploração ignóbil por parte de terceiros, a discriminação racial, o emprego abusivo como mão-de-obra, o despreparo para o trabalho, as várias dependências, o fechamento de horizontes que sufoca a vida, a deviação, a solidão afetiva. A essas pobreza dirigimos o olhar atento como o campo de trabalho que o Senhor nos indicou.

O que mais impressiona é a difusão de uma insatisfação de fundo que serpeia entre os jovens levando-os a formas de marginalidade e renúncia ao crescimento. O risco ameaça a todos, a tal ponto que o CG23 indicou a pobreza como um dos principais desafios à nossa missão justamente em relação à educação dos jovens à fé. «A condição social de pobreza interpela e desafia qualquer homem de boa vontade. A impossibilidade ou a grande dificuldade prática de realizar-se como pessoas, não podendo usufruir das condições mínimas para um desenvolvimento adequado, colocam sérias questões»⁴. «Quem, como discípulo de Cristo, contempla essa realidade com os próprios olhos e sente-a com o próprio coração é chamado a ter compaixão dessas situações e a ser solidário com quem as padece»⁵. «Observando a condição social de pobreza com os olhos de Dom Bosco e constatando o quanto ela arruina tantos jovens, cujo horizonte de vida limita-se à busca do imediato para sobreviver ou a um ideal vazio de sentido, sentimo-nos desafiados a tornar mais consistente e solidária a presença salesiana entre os pobres»⁶.

⁴ CG23 78

⁵ Ib. 79

⁶ Ib. 80

A opção da Igreja

O amor da Igreja pelos pobres pertence à sua constante tradição⁷. Demonstram-no figuras de santos e santas, obras e institutos religiosos. Numerosos leigos também fizeram disso um empenho de vida no âmbito privado e público.

Sempre surgiram pessoas carismáticas, na comunidade cristã em contextos de grande miséria, que enfrentaram as chagas sociais mais difusas com iniciativas oportunas. Conseguiram ao mesmo tempo acudir a quase todas as categorias de pobres próprias de seu tempo: indigentes, iletrados, abandonados, reduzidos à escravidão, encarcerados.

Não poucos deles fundaram comunidades preparadas na vertente espiritual e operativa para ir ao encontro das necessidades dos pobres com projetos de grande dimensão. Passaram à história como grandes testemunhas do Evangelho e entre seus anunciadores mais loqüentes.

Uma visão mais crítica da sociedade colocou às claras, ao surgir a questão social, os mecanismos geradores de miséria. A Igreja denunciou então os modelos de organização econômica, social e política que menosprezam o valor da pessoa, espoliam-na do direito aos bens necessários para uma vida plenamente humana e expandem a miséria e a marginalização.

O magistério social fez-se mais constante após o Concílio, não só pelas dimensões que a pobreza ia tomando e pela percepção então evidente de suas causas, como também pela nova consciência que amadurecia na Igreja sobre o seu testemunho e missão.

São cinco as cartas encíclicas relacionadas aos problemas do trabalho e das relações entre as nações, que enfrentam as questões mais graves do subdesenvolvimento: *Populorum Progressio* (1967), *Octogesima Adveniens* (1971), *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei Socialis*

⁷ Cf. CA 57

(1987), *Centesimus Annus* (1991). Acrescente-se a elas o Sínodo dos Bispos sobre a justiça (1971) e as declarações de importantes reuniões continentais.

A expressão "opção preferencial" pelos pobres foi ganhando terreno no contexto dessa sensibilização geral. Não é tanto uma recomendação de caridade individual, mas um critério de organização da pastoral da Igreja.

Propusera-a o Concílio junto com numerosas indicações dirigidas aos cristãos, aos bispos e aos presbíteros. Apresento uma passagem que tem abundantes referências. Lemos no decreto que fala do ministério sacerdotal: «Embora sejam levados a servir a todos, aos presbíteros são confiados de modo especial os pobres e os mais fracos, aos quais o mesmo Senhor quis demonstrar-se particularmente unido e cuja evangelização apontou como sinal da obra messiânica»⁸.

Foi a Terceira Conferência Latino-americana de Puebla que cunhou a expressão "opção fundamental", explicitando o seu significado e aplicações pastorais. Após a leitura evangélica da realidade do continente e o discernimento do papel que correspondia à Igreja na situação como portadora da boa nova, declarava: «Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja à opção preferencial pelos pobres, em vista de sua libertação integral»⁹.

Desde então a opção pelos pobres e as palavras que a exprimem difundiram-se em todos os contextos. Lemos num dos últimos documentos da Conferência Episcopal Italiana, alinhado aos anteriores: «O amor preferencial pelos pobres revela-se como uma dimensão necessária da nossa espiritualidade. Com os últimos e com os marginalizados poderemos todos recuperar um gênero diverso de vida»¹⁰.

Encontramo-la também em muitos escritos recentes da

⁸ PO 6

⁹ Puebla n. 1134; cf. nn. 1134-1165

¹⁰ *Con il dono della carità entro la storia. La Chiesa in Italia dopo il Convegno di Palermo. Nota da CEI nn. 34-35*

Igreja universal. Valha por todos o n. 42 da *Sollicitudo Rei Socialis*: «A opção ou amor preferencial pelos pobres é uma opção ou forma especial de primado no exercício da caridade cristã, testemunhada por toda a tradição da Igreja (...). Hoje, atendida a dimensão mundial assumida pela questão social, esse amor preferencial, com as decisões que nos inspira, não pode deixar de abraçar as imensas multidões de famintos, mendicantes, de sem-teto, sem assistência médica e sobretudo sem esperança de um futuro melhor»¹¹.

Essa opção é particularmente recomendada aos religiosos que de fato representam de maneira mais imediata, pela radicalidade do seguimento, o amor da Igreja e do Cristo pelos pobres e têm sobre ela uma tradição rica de iniciativas: «A opção pelos pobres faz parte da dinâmica mesma do amor vivido segundo Cristo. O que comporta para cada instituto, segundo o carisma específico, a adoção de um estilo de vida tanto pessoal como comunitário, humilde e austero. Fortes desse testemunho vivido, as pessoas consagradas poderão, de modo consoante à própria opção de vida e permanecendo livres diante das ideologias políticas, denunciar as injustiças que são cometidas contra tantos filhos e filhas de Deus, e empenhar-se na promoção da justiça no ambiente social em que trabalham»¹².

Ao abrir-se a fase da nova evangelização, insiste-se sobre a opção pelos últimos com múltiplas modulações. Sublinhou-se que ela abre a estrada ao anúncio, concretiza o seu sentido e por ela é iluminada.

O coração da nova evangelização é o Evangelho da caridade que assume os problemas e as situações humanas necessitadas da força transformadora do amor. E de uma caridade que se expresse no imediato, mas sobretudo empenhe-se num projeto social e cultural de vasta e longa

¹¹ SRS 42

¹² Ib. 82

duração em que a pessoa seja sempre considerada segundo a sua vocação e dignidade, à luz de quanto nos foi revelado em Cristo.

Mesmo correndo o risco de redundar, não quero deixar de recordar como a opção pelos pobres integra o programa eclesial para o Jubileu do Ano 2000. «Nesta perspectiva, recordando que Jesus veio para evangelizar os pobres (*Mt* 11,5; *Lc* 7,22), como deixar de sublinhar mais decididamente a opção preferencial da Igreja pelos pobres e pelos marginalizados? Deve-se, antes, dizer que o empenho pela justiça e pela paz num mundo como o nosso, marcado por tantos conflitos e intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, é um aspecto qualificador da preparação e da celebração do Jubileu. Assim, no espírito do Livro do Levítico (*Lv* 25,8-28) os cristãos deverão fazer-se voz de todos os pobres do mundo»¹³.

O longo processo de reflexão teve também o efeito de esclarecer o sentido da opção preferencial pelos pobres. Ela não comporta nenhuma exclusão, nem desatenção a quem quer que seja, mas exprime o envolvimento de toda a Igreja no momento histórico pelo qual passa o mundo. Não é paralela nem justaposta à evangelização, que será sempre a primeira e mais original tarefa da Igreja; mas entendida no interior do anúncio de Cristo conforme a elucidação de Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*¹⁴.

Não pertence só a alguns, mas é assumida pela Igreja. Não deve ser realizada com polarizações, mas na comunhão. Não pode ser instrumentalizada no protagonismo de pessoas e grupos, mas levada avante através da complementaridade de dons, serviços e projetos.

¹³ TMA 51

¹⁴ Cf. EN 32

O nosso caminho de reflexão

A Congregação não ficou indiferente diante das novas manifestações da pobreza em geral e particularmente dos sinais de insatisfação da juventude. Está sempre viva em sua memória a imagem de Dom Bosco, capaz também, como Jesus, de comover-se profundamente perante as misérias dos jovens.

Ressoam em sua consciência as expressões com que Dom Bosco mostra suas reações diante dos jovens da prisão: «Observar as multidões de juvenzinhos entre 12 e 18 anos, todos com saúde, robustos, de inteligência desperta; mas vélos lá inoperantes, mordiscados pelos insetos, necessitados de pão espiritual e temporal foi algo que me deixou horrorizado»¹⁵.

A partir dessa experiência teve início uma nova figura de sacerdote para os jovens, teve origem um novo tipo de obra educativa, foi criado um novo ambiente de educação, imaginaram-se caminhos de crescimento à medida dos jovens, a ponto de o nome de Dom Bosco unir-se hoje a alguns modelos de obras e a um estilo de educação mesmo que nem sempre tenha sido ele o primeiro a concebê-los¹⁶.

É quanto parece afirmado por ele mesmo quando comenta: «Ocorreu-me na ocasião que vários deles retornavam àquele lugar porque abandonados a si mesmos. Quem sabe, dizia comigo mesmo, se esses jovens tivessem um amigo lá fora, que se preocupasse com eles, os assistisse e instruisse na religião nos dias festivos, quem sabe se não ficariam longe da ruína ou ao menos diminuiria o número daqueles que retornam à prisão? Comuniquei esse pensamento ao P. Cafasso e, com seu conselho e com suas luzes, pus-me a estudar o modo de realizá-lo»¹⁷.

¹⁵ Bosco, G., *Memorie dell'Oratorio*, ed. preparada por Ferreira, A., LAS Roma 1992, pág. 104

¹⁶ Cf. Stella, P., *Don Bosco nella storia*. Vol. I, págs. 106-112

¹⁷ Bosco, G., *Memorie dell'Oratorio*, ed. preparada por Ferreira, A., LAS Roma 1992, pág. 104

É clara desde então a opção pela prevenção e, como sua forma completa, a opção pela educação inspirada no critério preventivo, ou seja, atenta ao desenvolvimento das energias que habilitam a pessoa a emergir dos condicionamentos que a vida pode trazer, capaz de antecipar experiências gravemente negativas em que estariam comprometidos os recursos do sujeito ou, seja como for, comportaria para ele um desperdício inútil e doloroso de energias.

O problema dos jovens, procurados e aproximados por ele em seguida, foi transmitido na tradição oral e institucional da Congregação e ultimamente também estudado com rigor histórico. As conclusões convergentes podem ajudar a iluminar situações humanas atuais e as opções exigidas por elas.

O campo juvenil amplo permanece sempre a opção fundamental para Dom Bosco. A preferência pelos pobres, abandonados, desamparados, necessitados, em perigo vai assumindo um sentido variegado à medida que Dom Bosco deve confrontar-se com novas necessidades.

No momento de maior desenvolvimento, a sua obra volta-se a uma faixa de juventude comum, com recursos humanos intactos, mas com necessidades do ponto de vista econômico, para sua conveniente promoção humana e cristã; a uma faixa de jovens também de classe média e popular "de índole particularmente boa" e com piedade, candidatos "à carreira eclesiástica" ou base exemplar para suas instituições; a uma pequena margem de travessos de diversas tipologias, para os quais pensa que seja sempre preferível a intervenção preventiva.

Pode-se fazer, em certa medida, uma obra de recuperação e reeducação também num ambiente educativo juvenil e feito de propostas, permeado de razão, fé e carinho. Por isso Dom Bosco recusou-se a aceitar casas correccionais, como eram pensadas e administradas no seu tempo. Sempre pensou, porém, que a obra de recuperação e

reeducação devesse acontecer através do conjunto de elementos que compõem em sua totalidade o Sistema preventivo na tríplice valência racional, religiosa, afetiva¹⁸.

Dom Bosco apresenta o seu sistema educativo como o mais adequado à reeducação dos jovens tocados pela delinqüência ou, em todo caso, gravemente marginalizados. O que se reflete em suas palavras e escritos aos cooperadores, autoridades públicas, ex-alunos quando os convida a colaborar na educação da juventude, especialmente mais pobre e abandonada; para libertar tantas crianças da ruína material e moral dos cárceres, da corrupção dos costumes e da perda da fé¹⁹.

Relevou-se, ultimamente, a dimensão e o valor amplamente social da intervenção de Dom Bosco, que não deve ser encerrado em ambientes educativos exclusivos ou específicos. E não só para que haja regeneração e o “bem-estar da sociedade civil” em suas intenções e para que sejam interessadas as mais variadas instâncias que tenham a ver com o social e o político na obra de educação-promoção da juventude. Mas também para que os mesmos programas educativos não se restrinjam aos perfis habituais e se desenvolvam livremente com novidade em amplos âmbitos sociais. Pense-se na relação com o mundo do trabalho, nos contratos, no tempo livre, na promoção da instrução e cultura popular.

Dom Bosco faz-se promotor ou pelo menos sonhador de vastos projetos sociais de prevenção e de assistência²⁰.

As Constituições, que orientam o nosso comportamento como indivíduos e ainda mais o desenvolvimento do projeto comunitário, reproduziram essas convicções de Dom Bosco no capítulo sobre os destinatários da nossa missão. Eles são

¹⁸ Cf. Braidó, P., *Poveri e abbandonati, pericolanti e pericolosi: pedagogia, assistenza, socialità ed esperienza preventiva di Don Bosco*. In *Annali di storia dell'educazione*, 1996, Vol. 3 pág. 185

¹⁹ Cf. Braidó, P., *ib.* pág. 190

²⁰ Cf. Braidó, P., *ib.* págs. 183-236

sucessivamente apresentados: os jovens, especialmente os mais pobres; os jovens que se encaminham ao trabalho; os que dão esperanças de vocação. Sobre os jovens mais pobres diz-se que são os primeiros e principais destinatários da nossa missão em vista dos quais «trabalhamos especialmente nos lugares de mais grave pobreza»²¹.

É claro que os jovens pobres, indicados como primeiros e principais destinatários da missão salesiana, não estão no texto constitucional simplesmente ao lado de outras categorias indicadas, mas em seu centro, irradiando um significado em cuja luz são entendidas as demais especificações do campo ao qual nos sentimos chamados. Assim como o aceno aos jovens não se coloca no mesmo nível, mas como referência motivadora do nosso empenho pelos adultos das camadas populares.

A missão salesiana tem assim uma definição unitária, não uma lista indiferenciada de possibilidades. Ela move-se a partir de uma opção que explica o tipo e a intensidade da caridade pastoral que nos é exigida e, com o mesmo espírito, estende-se a outros círculos mais amplos.

Mais tarde, e em vista da nova realidade, indicaram-se nos Regulamentos gerais os diversos tipos de pobreza às quais queremos responder com o nosso serviço educativo: «sobretudo dos jovens que, por causa da pobreza econômica, social e cultural, às vezes extrema, não têm possibilidade de êxito; dos jovens pobres no plano afetivo, moral e espiritual e, por isso, expostos à indiferença, ao ateísmo e à delinqüência; dos jovens que vivem à margem da sociedade e da Igreja»²². Percebe-se assim o alargamento das pobrezas nas sociedades complexas, em que com freqüência as diversas formas se acumulam e condicionam mutuamente, criando situações fortemente desumanizadoras.

Sugere-se também uma ductilidade de aproximações e de estruturas educativas segundo as necessidades daqueles

²¹ Const. 26

²² Reg. 1

aos quais se dedicam. Permanece como referência permanente o modelo "oratoriano"²³ como ambiente de acolhida, atento à relação pessoal, aberto a todas as atividades e formas de expressão adequadas à situação do jovem, organizado «segundo um projeto de promoção integral do homem, orientado para Cristo, homem perfeito»²⁴.

Iniciativas concretas

Estes últimos tempos comportaram-nos uma lenta mas constante evolução em muitos sentidos a respeito da opção pelos mais pobres. A marginalização e a insatisfação juvenil são mais conhecidas e acompanhadas com maior atenção; suas manifestações são mais bem compreendidas e se dá mais atenção às causas.

Contribuíram para a difusão desse conhecimento as recomendações dos Capítulos Gerais, o hábito de fazer projeto, a divulgação de pesquisas específicas e algumas iniciativas, como a observação da condição juvenil, os cursos de pedagogia social, os encontros sobre o tema da insatisfação, as várias pesquisas feitas por nós num raio imediato ou amplo.

Esclareceram-se as valências, os graus e as formas complementares da prevenção como, também, o sentido salesiano da preventividade, que não exclui a recuperação dos sujeitos já atingidos pelas conseqüências da marginalidade e da insatisfação, mas é também proposta como forma excelente de despertar seus recursos ainda sadios e conter a deterioração definitiva.

O Reitor-Mor desejou-o confirmar no final do CG22: «A caridade pastoral vivida por Dom Bosco estimula-nos a caminhar em direção aos jovens mais necessitados, que

²³ Cf. Const. 41

²⁴ Const. 31

correm perigos particulares, tanto no Terceiro Mundo como nas sociedades de consumo. Dom Bosco ensina-nos que a força educativa do Sistema Preventivo está também na capacidade de recuperação dos jovens desarvorados que conservam recursos de bondade e na prevenção de desenvolvimentos piores quando já se encaminham para o erro»²⁵.

Os Capítulos Gerais estimularam continuamente um maior espírito empreendedor e a audácia de iniciativas que exprimissem a nossa solidariedade com as diversas formas de pobreza. Após a proposta das novas presenças nos ambientes de marginalização enunciadas pelo CGE20²⁶ e confirmadas no CG21²⁷, uma orientação operativa do CG22²⁸ pede às inspetorias que «retornem aos jovens, ao seu mundo, às suas necessidades, à sua pobreza. Dêem-lhes uma real prioridade, manifestada na renovada presença educativa, espiritual e afetiva. Procurem fazer a opção corajosa de caminhar na direção dos mais pobres recolocando eventualmente as nossas presenças onde maior for a pobreza»²⁹.

O CG23 insistiu no convite à inserção mais decidida entre os mais pobres. Depois de apresentar a pobreza como um dos desafios que, pela sua gravidade, urgência e amplitude interpela mais diretamente as comunidades, pede a cada inspetoria que individualize novas e urgentes frentes de trabalho, principalmente entre os jovens que têm maior dificuldade, criando para eles alguma presença como "sinal" da nossa caminhada em direção aos jovens mais distantes³⁰.

É preciso acrescentar um outro dado ao esclarecimento dos conceitos de prevenção e preventividade, ao maior

²⁵ CG22 72

²⁶ CGE20 39-44.515.181.619

²⁷ Cf. CG21 158-159

²⁸ Cf. CG22 6

²⁹ *Ib.* 6

³⁰ Cf. CG23 230

conhecimento da insatisfação juvenil, à orientação insistente dos Capítulos Gerais. Verifica-se nas inspetorias certo movimento em direção aos jovens pobres. Em todos os lugares foram dadas respostas criativas como parte de um projeto possível de recolocação. As inspetorias, de acordo com o contexto, visaram a alcançar os jovens que vivem nas ruas, colocar-se em zonas urbanas de miséria generalizada, resolver o problema do abandono escolar com itinerários educativos alternativos, assistir os jovens encarcerados, trabalhar no âmbito da toxicomania com formas de prevenção, acolhida e acompanhamento em vista da recuperação.

O número total dessas iniciativas é decididamente consistente. Aumentaram também no sexênio passado.

Algumas apresentam um novo modelo do ponto de vista pedagógico e salesiano, apoiado pela competência de profissionais e levado adiante com tenacidade. Assim também, embora com um volume modesto de iniciativas, temos dado a nossa contribuição de reflexão pedagógica e social inspirada no Sistema Preventivo sobre algumas formas de descaminho.

Relevem-se o influxo dessas iniciativas em outros ambientes de educação da inspetoria e o maior conhecimento da insatisfação juvenil que levam a ele, como também a incidência que têm no contexto social e na opinião pública.

O CG24 insistiu sobre a sua capacidade de convocação e envolvimento dos leigos. «A reflexão comum — diz —, o projeto compartilhado e a relação com os leigos são experiências positivas sobretudo nas assim chamadas novas presenças, surgidas como resposta ágil e imediata aos problemas criados pela insatisfação juvenil, pela marginalização, etc. Desenvolvem-se também nessas sedes as melhores formas de participação e de voluntariado»³¹.

³¹ CG24 20

É preciso acrescentar que se dão respostas parciais às várias formas de marginalização e de insatisfação também nas demais presenças educativas. Basta visitar alguns de nossos centros de formação profissional e oratórios para convencer-se disso. Neles, não só se faz uma eficaz primeira prevenção, como também encontram acolhida, interlocutores e propostas garotos e jovens que já correm o risco de desorientação.

Ultrapassada em quase todos os lugares a polêmica que opunha os diversos tipos de presença e superada a forma excessivamente individual pelas quais algumas dessas obras eram consideradas como herança de alguns irmãos, que talvez tenham tido o mérito de desejá-las e iniciá-las, vai-se notando em todos os lugares uma assunção mais decisiva por parte das inspetorias e portanto uma maior integração das iniciativas e dos irmãos que trabalham no projeto inspetorial.

OLHANDO PARA O FUTURO

Uma nova leitura cristã da realidade

Contemplando a multidão, os discípulos aproximam-se de Jesus e dizem-lhe: *«O lugar é deserto e a hora já avançou. Despede-os, para que vão aos sítios e aldeias dos arredores comprar para si o que comer»*. Era uma observação de bom senso, de gente comum, e ao mesmo tempo um modo de sair fora do problema, de não preocupar-se com ele.

Jesus responde: *«Dai-lhes vós mesmos de comer»*³². Afirma com isso que o problema diz-lhes respeito. Surpreende os discípulos com tal orientação. Eles levam em consideração a indicação de Jesus mas concluem logo que lhes é impossível realizá-la. A multidão é muito numerosa e não existem os meios. Frequentemente é esse o nosso sentimento e a nossa conclusão.

³² Mc 6,37

Não compreendem a intenção de Jesus. Pensam no muito de que precisariam e de que não dispõem. Jesus, porém, conta com o pouco que podem colocar à disposição. Para ele a solução não depende da quantidade inicial de alimento.

A extensão da pobreza tem de fato raízes profundas. Existem certamente as pessoais. Pertencem a quem sofre a insatisfação e a marginalização e aos que estão mais estritamente ligados à sua vida e ao seu crescimento.

Mesmo em contextos abastados as condições favoráveis de desenvolvimento tornam-se vãs quando as disposições pessoais são carentes. Vice-versa, reforçados os recursos que existem nas pessoas, elas conseguem abrir uma passagem nos ambientes fortemente condicionantes produzindo neles transformações significativas na ordem das relações, da sociabilidade e da participação. Voltar-se às pessoas e às suas motivações é, pois, uma indicação sempre válida.

É verdade, porém, que o desenvolvimento pessoal é favorecido ou dificultado, chegando a tocar a impossibilidade concreta, por causas culturais, ligadas à mentalidade que predomina no ambiente e que determina comportamentos, avaliações, modalidades de vida e de relações.

Insistiu-se nos últimos anos sobre a urgência de trabalhar por uma cultura que reconheça a dignidade de cada pessoa, reforce a solidariedade em todos os ambientes e em todas as formas, garanta o bem e o direito à educação para todos, não ceda mentalmente a preconceitos ou a cómodas avaliações sumárias e não caia na armadilha do individualismo e do consumismo. Só assim poder-se-á refazer o tecido social e torná-lo mais humano.

A mesma insistência permeia o ensinamento ético e social da Igreja. É muito estimulante para nós porque relaciona o empenho de promoção humana, que realizamos

através da educação-evangelização, ao âmbito mais amplo onde são possíveis outras iniciativas. Combina, pois, com aquilo que herdamos de Dom Bosco e que nos é sugerido pelas Constituições, lá onde se referem às nossas presenças entre as camadas populares e à nossa ação através da comunicação social.

Às causas enraizadas nos indivíduos e na mentalidade comum é preciso, porém, acrescentar e talvez antepor pelo seu peso, as causas estruturais.

Elas agem simultaneamente sobre muitas pessoas em âmbitos muito extensos e com mecanismos muito poderosos. Têm, portanto, a capacidade ímpar de impor uma situação, modos de pensamento e estilos de vida, regenerando ou prolongando a marginalização relacionada com eles. Fenômenos como o da fome, da miséria, dos conflitos prolongados, da exploração de mão-de-obra, da devastação dos recursos naturais são suficientes para dar uma idéia deles.

A reflexão deve servir-nos não tanto para retornar às denúncias de oportunidade, mas para organizar corretamente, mesmo que em pequena dimensão, o trabalho de educação e de evangelização. Não se educa a não ser levando a tomar consciência do mundo em que vivemos.

Vai-se repetindo há alguns anos que nos encontramos diante de um fenômeno de empobrecimento mais do que de simples pobreza. Não se trata de uma etapa transitória, de um acidente de percurso, de uma conseqüência do passado; mas do resultado das atuais estruturas econômicas, sociais e políticas, embora reconhecendo que outras causas influem no aumento da pobreza³³.

O cenário foi-se deteriorando também com a prevalência de um modelo econômico único e universal. A lógica que vai se impondo através dele é que a produção de bens se move sob a marca do lucro e não deve ser regulada por

³³ Puebla, n. 30

exigências do justo desenvolvimento social que inclua a todos.

Entre seus efeitos mais graves estão o afrouxamento e até mesmo a decomposição da solidariedade social, a redução da pessoa a indivíduo incapaz de posse, produção e compra.

O modelo de homem é de fato centrado mais no ter do que no ser. Como consequência propaga-se o costume consumista: trabalhar para ter, ter para adquirir, adquirir para consumir.

Aprofundar as inspirações

O entrelaçamento descrito acima indica que qualquer solução é precária e insuficiente caso não se tenha em vista o coração do homem: ao nosso coração de discípulos chamados a assumir a compaixão e a lógica de Jesus; ao coração dos jovens, dos quais queremos nos aproximar; ao coração dos que se referem a Cristo como seguidores ou admiradores; ao coração de quem possui bens materiais, de inteligência ou competência; ao coração de quem deve decidir orientações sociais e políticas.

É o que sugere o gesto de Jesus. A quantidade virá e superará a necessidade se existirem os que colocam seus pães e seus peixes à disposição do Senhor.

A mesma mensagem vem-nos dos lugares e dos traços do nosso carisma.

Ele nasceu nos Becchi com a vocação de Dom Bosco. A casucha natal recopia o ícone da multiplicação ao colocarmos como seu fundo a carta geográfica das obras salesianas espalhadas hoje pelo mundo. Ali, num ambiente de real embora digna pobreza, João Bosco colocou à disposição do Senhor aquilo que tinha: a sua vida.

Experimentou a angústia econômica na realização de estudos e sonhos. Submeteu-se à prova do trabalho sob um

patrão. Ao mesmo tempo sentiu a solidariedade da comunidade humana e cristã e sobretudo o apoio dos sacerdotes. Com encorajamento e modesta contribuição econômica, eles levaram a Jesus o garoto dos pães e dos peixes, que hoje chegam à multidão.

A nossa obra é fruto de graça e genialidade, mas, também, de solidariedade humilde e quase anônima.

O lugar espiritual da missão é o oratório, iniciado sem lugar fixo, alojado num galpão, desenvolvido naquilo que é hoje Valdocco. Dom Bosco assim escreve sobre ele: «Em geral o oratório era composto de canteiros, estucadores, calceteiros, cortadores de pedra e outros que vinham de lugares distantes. Não conhecendo nem igrejas nem companheiros, estavam expostos aos perigos da perversão, especialmente nos dias festivos»³⁴. A nossa origem e a preferência do nosso Pai são continuamente lembradas quando interrogam-nos sobre a atual insatisfação juvenil.

A nossa pedagogia nasceu do encontro com os jovens pobres, com as suas características de conteúdo e método, com a figura de um educador que vai além do papel institucional e é para os jovens amigo e pai. Padre Caviglia define-a como uma "pedagogia para o jovem pobre".

A partir da situação dos jovens pobres foram sugeridas as iniciativas e os programas que atravessam a nossa história: o oratório, as escolas profissionais, o pensionato família. Dom Bosco repete-o quando apresenta a história da Congregação nas *"Memórias do Oratório"*, no seu Testamento. Parece natural que para renovar-se se parta novamente deles.

Fonte inspiradora é sempre a caridade pastoral, difundida pelo Espírito no batismo e no chamado à vida salesiana; mas a busca, o encontro e a partilha da vida com os jovens pobres são a "circunstância providencial", a

³⁴ Bosco, G., *Memorie dell'Oratorio*, ed. preparada por Ferreira, A., LAS Roma 1992, pág. 104

mediação indispensável no surgimento e na concretização progressiva da nossa missão; é a experiência do amor gratuito e correspondido, da salvação vivida, do retorno à vida.

Dom Bosco, no contato com os jovens pobres, descobre suas riquezas interiores, suas potencialidades, sua dignidade inata, sentida e desejada. Cada jovem traz pessoalmente as marcas do amor de Deus no desejo de vida, na inteligência e no coração. A pobreza, que lhes impede de crescerem como pessoas e filhos de Deus, é um apelo e um desafio a restituir-lhes a consciência do próprio valor e a fazer desabrochar os dons com que o Senhor os enriqueceu.

Dom Bosco concebe o seu serviço sacerdotal como trabalho educativo para fazer brotar recursos escondidos, para fazer emergir traços que parecem cancelados, a ponto de levar os jovens a um nível satisfatório de vida humana e cristã, ou melhor, à santidade. Revela-lhes a face do Deus de Jesus, um Deus que se preocupa com os pássaros e com as flores, que não quer que se perca um só dos pequenos, que não espera que a ovelha perdida retorne, mas sai à sua procura; que é tomado de uma profunda compaixão diante de cada situação humana de dor e desperta a esperança.

Para ele isso é uma autêntica experiência de Deus, descoberto com admiração e narrado com alegria em sua paternidade providente; é a mesma experiência de Jesus que se surpreende com o Pai, que manteve ocultas as coisas do Reino aos sábios e prudentes e as quis revelar aos pequenos³⁵, experiência que leva a entender e afirmar o valor de cada jovem além das aparências, porque seus anjos estão continuamente na presença do Pai.

Os jovens pobres foram, e o são ainda, um dom para os salesianos. O retorno a eles haverá de fazer-nos recuperar o traço central da nossa espiritualidade e da nossa práxis

³⁵ Lc 10,21

pedagógica: a relação de amizade que cria correspondência e desejo de crescer.

Hoje é preciso ir de novo para além das estruturas estabelecidas, além das coisas a serem dadas; é preciso sair, fazer um êxodo mental e pedagógico para a relação, a presença, a participação.

Essa é a atitude fundamental com que o Sistema Preventivo realiza em termos educativos o seguimento de Jesus, que plantou a sua tenda entre nós, veio buscar e salvar o que estava perdido, misturou-se com os publicanos e sentou-se à mesa com os pecadores, aproximou-se dos pobres e doentes e fez desses gestos os sinais da sua missão de salvação.

O Reino de Deus manifesta-se, cresce e realiza-se entre os pobres porque consiste todo ele numa relação gratuita que Jesus estabelece e renova com aqueles que não acreditam ter algum mérito nem diante da sociedade nem diante de Deus.

Às vezes preocupamo-nos muito com o que podemos dar ou com o que nos falta para agir, a ponto de sermos incapazes de descobrir as riquezas que existem nos jovens, que eles podem fazer frutificar, com as quais nós mesmos somos enriquecidos. O Sistema Preventivo leva-nos a esvaziar-nos de nós mesmos e acolher os dons oferecidos pelo Senhor, sobretudo naqueles que são mais necessitados e aparentemente menos dignos.

A pobreza do educador salesiano

O comentário anterior leva-nos a refletir sobre a *pobreza* do educador salesiano. Antes ainda que nas normas sobre o uso do dinheiro e das coisas, ela refere-se aos bens nos quais colocamos a nossa esperança e felicidade. Bem-aventurados os pobres!

É um dom do Espírito que nos faz capazes de comunhão.

Consiste numa profunda necessidade de Deus e dos irmãos. Brota da experiência do amor de Deus e da resposta a Ele na abertura aos outros. À sua luz os bens materiais resultam funcionais e secundários. Quem encontrou o sentido da vida no amor não precisa apegar-se às coisas para ser feliz, embora sirva-se delas com liberdade.

O Deus de Jesus, sendo suficiente à própria felicidade, fez-se pobre para enriquecer-nos. É um Deus que escolhe aqueles que sentem a própria insuficiência e os enche de bens porque o seu ser é doar. É o Deus que, antes e mais fortemente do que nós, quer que os pobres tenham a vida, e vem ao nosso encontro nos jovens mais necessitados para oferecer-nos o dom da sua presença e a participação no seu amor.

Conscientes de que tudo o que somos é um dom e que os outros, embora pobres, têm algo com que nos enriquecer, olhamo-los e aproximamo-nos deles com gratidão e expectativa, favorecemos a sua expressão, oferecemos espaços à participação, mesmo que seja limitada e imperfeita, não nos consideramos livres das misérias humanas, colaboramos com senso de humildade do crescimento de sua vida, alegamo-nos com o surgimento de energias e horizontes que vão atingindo sobretudo os mais pequenos e os últimos. Sabemos que aquilo que recebemos deles e de Deus é mais do que damos.

Essa visão caracteriza a nossa *oração*, que assim se torna simples, confiante e concreta³⁶; centrada na ação de graças por aquilo que Deus nos deu gratuitamente e pela vida dos jovens; oração que nos dispõe a compartilhar, dando e recebendo deles³⁷; que exprime e desenvolve em nós a necessidade de Deus, sem o qual nada podemos fazer³⁸ e nos leva a perceber o Reino que vai crescendo entre aqueles

³⁶ Const. 86

³⁷ Ib. 95

³⁸ Ib. 12

que acolhem a Deus, tenham ou não a abundância de bens.

Convencidos de que fazemos a Cristo o que lhes fazemos, empenhemo-nos em trabalhar *profissionalmente*, servindo-nos com liberdade do que a ciência e a técnica colocam à nossa disposição. Imponhamo-nos uma formação contínua a fim de responder adequadamente às novas situações de pobreza, atuemos com coragem formas novas de agregação e busca de recursos a serviço dos pobres e procuremos organizar mais cuidadosamente a nossa administração.

Mantenhamos, ao mesmo tempo, um estilo de *vida simples*, ou melhor, austero, sem ceder ao desejo da posse ilimitada de coisas ou de comodidades. Era o que aconselhava Dom Bosco aos primeiros missionários: «Fazei que o mundo conheça que sois pobres, no vestuário, no alimento, na habitação e sereis ricos diante de Deus, e conquistareis o coração dos homens». Mesmo no trabalho coloquemos a nossa confiança nos meios pobres da amizade e do relacionamento mais do que defender-nos dentro da organização.

Esta espiritualidade haverá de ajudar-nos a viver uma outra atitude característica do nosso Pai: *a confiança na Providência*. A pobreza de Dom Bosco foi severa, atenta ao Reino de Deus e à sua justiça e também industriosa, a serviço dos jovens. Sabia começar com pouco, motivar a colaboração e orientar corretamente o uso do dinheiro com finalidade educativa. Pedia e esperava, mas não ficava emaranhado na busca de meios.

Numa cultura caracterizada pela excessiva preocupação com a própria segurança, sobretudo material, devemos ser sinais de liberdade evangélica, preocupando-nos primeiramente com as pessoas e com o Evangelho, certos de que o Senhor nos ajudará a encontrar os recursos de que precisamos. Começaram assim todas as nossas presenças e assim tiveram origem as grandes empresas da Congregação.

Fazer a opção dos jovens pobres

As novas pobrezaas deverão encontrar os salesianos sensíveis, capazes de perceber o peso negativo que exercem sobre os jovens e prontos a intervir como fez Dom Bosco com a pobreza do seu tempo.

A resposta positiva já é realidade em muitos lugares, mas a pergunta de Cristo relança a todos o "desafio carismático" de maneira simples e direta. Quantos pães e peixes podeis e quereis colocar à disposição?

O CG23 reconhecia que as presenças diretamente orientadas aos jovens em dificuldade têm uma forte incidência multiplicadora: são pontos de referência e de promoção da solidariedade, recebem a aprovação geral, conseguem coagular múltiplas colaborações, criam mentalidade solidária no povo e obtêm o apoio da sociedade³⁹.

Como estender mais essas áreas de solidariedade?

Tenhamos em vista primeiramente *os irmãos e as comunidades*. Há que se difundir conhecimentos, há que se afinar sensibilidades, há que se infundir confiança e coragem, há que se despertar a originalidade carismática.

Não será pouco se todos numa inspetoria ou comunidade conseguirem perceber o valor, a profundidade e as manifestações atuais da insatisfação juvenil no próprio contexto como um risco iminente sobre todos os adolescentes e jovens, que explode em algumas faixas mais fracas e expostas.

Não terá sido pouco quando se superarem os lançamentos de culpas, a estigmatização das deviações juvenis e se renovar a confiança nos recursos do jovem e em seu desejo de reconstruir-se. Carinho, razão, religião são ainda vencedoras quando conseguimos ser seus mediadores eficazes.

³⁹ Cf. CG23 290

O salesiano pode reviver assim o estilo de Dom Bosco, derrubando as barreiras da desconfiança, ajudando a superar os preconceitos e dando oportunidades ao encontro fecundo. Isso levará à inserção espiritual e física no mundo real dos jovens.

Não me detenho a explicitar o que essa inserção exige e as transformações que opera: o encontro cotidiano com esses jovens e suas situações de insatisfação produzirão nas comunidades estímulos renovados para uma fé vivida como realidade salvífica e transformadora da história. Leva-las-á a viver o serviço educativo com mais simplicidade e criatividade.

Sem esse movimento espiritual e físico de aproximação da pobreza torna-se difícil uma resposta mais consistente ao desafio da marginalização juvenil. O conhecimento e a aproximação tendem à partilha do que temos por graça, do que os jovens suportam, do que gostariam de atingir, do caminho que pensam poder fazer. Quanto isso exija de despojamento pessoal e de acolhida dos sentimentos de Jesus, Bom Pastor, podem-no dizer somente aqueles que o experimentaram.

Há depois um outro passo a dar, empenhativo e complementar: elaborar um *projeto inspetorial* para a marginalização juvenil que envolva as comunidades. A realidade da insatisfação juvenil e o risco da marginalização devem ser levados em consideração em todas as presenças.

Deveriam levar a evidenciar conteúdos e modalidades educativas na linha de uma prevenção mais atenta e atualizada; a animar o território em vista da coresponsabilidade de instituições e famílias, em vista da qualidade dos relacionamentos e da vida.

Poderiam também levar a privilegiar em cada obra *a acolhida mais numerosa de garotos e jovens "em perigo"*,

que possam ser mantidos distantes da deviação com programas apropriados e um ambiente educativo de apoio.

De qualquer forma haverão de tornar atento o olhar dos educadores sobre os sintomas iniciais ou ainda latentes de insatisfação e sobre as primeiras manifestações de cedimento à marginalização.

Além dessa atenção geral, é preciso criar *algumas iniciativas e destacar grupos* que trabalhem no próprio ambiente da marginalização, entre os sujeitos alcançados por ela.

Essas presenças, superada a contraposição ou o sentido de extraordinariedade, ajudarão todas as comunidades no conhecimento e tratamento da insatisfação e a manter vivo o estilo do Sistema Preventivo.

A nossa preocupação: educar

As pobreza e a marginalização não constituem um fenômeno puramente econômico, mas uma realidade que toca a consciência das pessoas e desafia a mentalidade da sociedade. A educação é, pois, um elemento fundamental para sua prevenção e sua superação e é também a contribuição mais específica e original que podemos dar como salesianos.

Educar significa acolher, dar novamente a palavra e compreender. Ou seja, ajudar cada um a reencontrar a si mesmo; acompanhar com paciência num caminho de recuperação de valores e de confiança em si. Comporta reconstruir as razões para viver.

O ensinamento sistemático é um caminho importante para a prevenção e a superação da pobreza e da insatisfação que nos leva ao encontro com a integridade da pessoa; o anonimato institucional ou apenas a relação de conhecimento não realiza as finalidades da educação.

Educar, hoje, pede-nos uma renovada capacidade de diálogo, mas também de proposta. É preciso alcançar as pessoas e aquilo que interroga ou desafia suas vidas; é preciso envolver em experiências que ajudem a perceber o senso do esforço cotidiano, voltar-se para uma proposta rica de interesses e solidamente ancorada no que é fundamental e que, enquanto oferece instrumentos fundamentais para o sustento da própria vida, torna capazes de agir como sujeitos responsáveis em todas as circunstâncias.

Emergem na educação algumas urgências. O CG23 indicava a constelação vida-amor-consciência-solidariedade como desafio ao nosso trabalho também de evangelização⁴⁰.

Considerava-a um dos aspectos a serem cuidados em cada um de nossos programas educativos e indicava também seus principais horizontes: enraizar o *valor da pessoa* e da sua inviolabilidade através de relações, convicções e experiências, acima dos bens materiais e de qualquer estrutura ou organização, para que se habilitem a fazer opções autônomas diante dos pesados mecanismos de manipulação e avaliem corretamente as situações inumanas; orientar os jovens ao *conhecimento adequado da complexa realidade* cultural e sociopolítica, começando da mais próxima e cotidiana para chegar às instituições e aos modelos socioeconômicos que têm influxo determinante sobre o bem comum; *envolver* os jovens dos ambientes de pobreza e dos contextos de bem-estar em iniciativas que exigem solidariedade, para que aprendam a carregar os sofrimentos dos outros e a colaborar em sua superação.

O programa enunciado constitui uma prevenção eficaz contra dependências e estímulos negativos, oferece indicações para a caminhada de recuperação e ao mesmo tempo exige o envolvimento dos jovens que puderam se manter livres ou superaram os riscos das diversas pobrezaas. A nós compete traduzi-lo em gestos cotidianos.

⁴⁰ Cf. CG23 182-214

Promover uma nova cultura

As pobreza nasce e difunde-se num mundo intercomunicante e interdependente. A avaliação que se faz delas, as esperanças de superá-las que se possam despertar, as formas concretas de empenhar-se, estão ligadas ao modo de pensar e reagir das pessoas, dos grupos e de toda a sociedade.

Percebe-se-o quando se raciocina sobre o uso dos bens, sobre as relações entre indivíduos e entre povos, sobre os sentimentos para com os diferentes, sobre o modo de enfrentar as deviações e transgressões.

O esforço contra a marginalização será tão eficaz quanto mais penetrar e transformar o conjunto de percepções e sentimentos que configuram o pensamento e a conduta de uma sociedade ou de grupos ativos em seu interior. Não é suficiente, pois, um trabalho de ajuda e assistência em favor dos indivíduos, embora isso seja importante.

Exige-se um trabalho de *animação social*, que suscite mudanças de critérios e visões através de gestos e ações. Esses gestos e ações criam novas formas de relação e modelos de conduta que encarnam valores diversos daqueles que regem grande parte dos nossos hábitos, como o individualismo possessivo, a satisfação de interesses pessoais, a condenação de quem sofre dependências, o abandono dos mais fracos.

Trata-se de promover a cultura do outro, da sobriedade no estilo de vida e de consumo, da disponibilidade em compartilhar gratuitamente, da justiça entendida como atenção ao direito de todos à dignidade da vida e, mais diretamente, de envolver pessoas e instituições numa obra de ampla prevenção, de acolhida e de apoio de quem dela tem necessidade.

Nossos ambientes educativos podem ser *centros de elaboração e pontos de irradiação* dessa cultura quanto à

família, os grupos, o bairro, os círculos e instituições correlatas e, através da comunicação social, as sociedades em geral.

Existem alguns movimentos e iniciativas que, embora minoritários, têm uma forte incidência porque exprimem relações novas e antecipam critérios novos de solidariedade: a associação privada para o comércio justo e solidário, o movimento de famílias que se empenham em viver com o suficiente evitando as despesas supérfluas, o voluntariado.

São esses alguns modelos de vida promovidos por círculos cristãos, no contexto da nova cultura social, que se empenham em viver segundo o evangelho e não segundo os estímulos do consumismo. Situações variadas e agregações semelhantes podem ser criadas nesse sentido.

Elas acabam por agir em rede e conseguem propor-se como interlocutores, materialmente fracos, mas moralmente fortes, diante de organismos e instituições políticas e econômicas. Mais importante ainda, conseguem multiplicar os projetos de ajuda e as presenças de participação e solidariedade.

Esse é um campo onde nós, salesianos, organização internacional, com múltiplos recursos e com um rico patrimônio espiritual, temos grandes possibilidades e ao mesmo tempo importante responsabilidade. Devemos fazer um esforço de pedagogia coletiva para oferecer caminhos e projetos concretos, nos quais envolver-nos como humilde vanguarda evangélica, com muita gente disposta a assumir junto um estilo de vida solidária e generosa.

Evangelizar partindo dos últimos

A ação salesiana, em qualquer ambiente que se desenvolva, compreende sempre o anúncio de Cristo, a solicitude pela salvação eterna da pessoa. Em toda iniciativa de prevenção, formação e recuperação, ela sempre constitui a intenção e o

desejo principal, embora deva ser possivelmente explicitada à medida que os sujeitos vão se tornando capazes. Desejemos que ouçam Deus Pai, que conheçam Jesus Cristo, e acreditemos também que se encontram, na proposta de fé nele, insuspeitas energias para a construção da personalidade e para o desenvolvimento integral.

O CG23, apresentando as características do itinerário de fé que nós, salesianos, fazemos com os jovens, afirma que se devem privilegiar os últimos e sempre partir novamente deles como condição para chegar a todos. «Colocar-se ao lado dos últimos e dos mais pobres — diz — determinará não só o início da caminhada, mas qualquer etapa posterior, até às últimas», porque os mais adiantados são convidados a «apoiar com o próprio testemunho e ação o passo de quantos estão começando»⁴¹.

Trata-se, novamente, de uma indicação autorizada sobre o lugar significativo onde colocar-se: entre os últimos segundo os critérios humanos.

O anúncio da salvação aos pobres é o sinal por excelência do Reino e como consequência a dimensão mais profunda da nossa missão educativa. O conhecimento e o relacionamento pessoal com Jesus Cristo não é um privilégio dos jovens mais empenhados ou protegidos, mas um dom a ser oferecido a todos e desde os primeiros passos. Se Cristo quis dar-se aos mais pobres e necessitados, e manifestou-o durante a sua existência terrena, nós não podemos retardar a descoberta do seu dom.

A evangelização começa certamente com *o encontro*, capaz de assumir o sofrimento e a esperança do jovem, de apoiar a sua vontade de retomar-se, de aproximar-se dos sinais de Deus e da Igreja. A salvação é anunciada e realizada quando se cria uma situação em que o jovem é libertado daquilo que condicionava de modo negativo o melhor de sua vida; quando em contato com pessoas, que

⁴¹ Cf. ib. 105

lhes demonstram amor desinteressado, descobre o valor e as possibilidades da vida.

O *contato cotidiano com adultos* capazes de criar clima de família, relação de amizade que infunde interesse pelos jovens e espaço à sua responsabilidade, bondade e firmeza, exigência e compreensão, torna-se testemunho capaz de suscitar admiração e despertar o melhor que trazem dentro de si. Surgem assim questões que oferecem oportunidade ao anúncio na medida da compreensão de cada jovem.

A primeira centelha do caminho de fé *deve ser em seguida cuidada e desenvolvida* com paciência e perseverança, visando sempre ao positivo que existe no jovem e na força interior da consciência; servindo-se da experiência do grupo e do ambiente; seguros da energia de retomada que vem da oração e dos sacramentos. Sobre isso deve-se reler e traduzir na prática o sentimento de Dom Bosco sobre o valor da fé e da consciência no caminho de recuperação dos jovens.

Fala-se na Igreja de nova evangelização. As explicitações sublinham que a "novidade" está no testemunho da caridade, no anúncio de Cristo no coração da vida e da cultura atual e no movimento em direção aos distantes.

A nossa contribuição pode consistir justamente em experimentar e propor processos de evangelização em situações juvenis particularmente difíceis.

Conclusão

«Jesus perguntou-lhes: 'Quantos pães tendes? Ide ver'. Tendo verificado, responderam: 'Cinco, e dois peixes'. E ele ordenou que acomodassem todos em grupos sobre a relva verde. Eles se estenderam em fileiras de cem e de cinquenta. Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, e erguendo os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu

os pães e dava-os aos discípulos para que os oferecessem ao povo. Repartiu também os dois peixes entre todos. Todos eles comeram e ficaram saciados. E recolheram-se os pedaços, que enchiam doze cestos, e também o restante dos peixes»⁴².

A presença do Senhor torna-se milagre de solidariedade para que o povo tenha pão em abundância. Ele põe os seus discípulos em movimento para que procurem os recursos disponíveis. Cria uma verdadeira fraternidade que leva à participação e desemboca na comunhão. Assim o dinamismo, iniciado com um sentimento de compaixão, transforma-se em ações que encham de vida os necessitados com a Palavra que ilumina e com o Pão que sustenta. O pouco basta para todos, ou melhor, sobra.

É a nossa tarefa e a nossa esperança: lançar sementes e multiplicar. Por isso colocamos na programação do sexênio a significatividade como centro da atenção⁴³. Ela brota dos lugares, do espírito e do estilo com que realizamos a nossa missão e oferecemos o nosso testemunho, recolocação e redistribuição dos recursos.

Os elementos, de onde emana significatividade, são: manifestação incondicional da caridade evangélica, capacidade de "salvar" aqueles que os homens abandonam à própria sorte, desejo de dar vida e esperança, eficácia na proposta de fé, força de agregação pela qual pessoas de boa vontade unem-se no bem, capacidade de fazer amadurecer mentalidades e relações na linha do Reino.

Muitas iniciativas são "boas", mas nem todas falam com a mesma eloquência, realismo e verdade. Muitas obras podem ser de alguma utilidade, mas nem todas expressam o Evangelho, o amor de Deus semeado no coração dos crentes com a mesma rapidez e profundidade. Muitas intervenções parecem aceitáveis, funcionais à sociedade

⁴² Mc 6,38-43

⁴³ Cf. ACG 358, págs. 49-50

em que vivemos, mas algumas são fortemente "evangelizadoras" e proféticas. A presença entre os jovens mais necessitados está entre estas. Sabemos quanto cada inspetoria está fazendo e quanto seria ainda preciso fazer se a disponibilidade de pessoal o permitisse.

A contemplação e o apelo da multiplicação dos pães sirva de inspiração e critério para um decidido movimento em direção aos jovens mais pobres, mesmo na eventual precariedade de recursos.

Maria Santíssima, que na Anunciação se colocou à disposição do Senhor, também nos ajude a estar prontos para a obra de salvação que nasce no coração misericordioso de Deus.



Juan Teuch

2.1. A CONSULTA

Informação preciosa para o discernimento

P. Luc VAN LOOY

Vigário do Reitor-Mor

Estas anotações entendem recordar, a partir de nossas Constituições, um direito dos irmãos e as modalidades para torná-lo concreto em nossa vida comunitária. Elas nascem da experiência do Conselho Geral, onde se constata que nem sempre as modalidades e o próprio valor das consultas são entendidas com clareza em todas as Inspetorias e comunidades.

As consultas são exigidas, pelo direito comum e pelo nosso direito próprio, para decisões a serem tomadas em nível inspetorial e geral, e são finalizadas na oferta de informações claras e suficientes para permitir um discernimento sério e profundo. Trata-se tanto da busca de pessoas, às quais a Congregação quer oferecer as responsabilidades de algum serviço, como de outras decisões significativas que se devem tomar. Por isso são da máxima importância as informações solicitadas e dadas.

Tem-se, às vezes, a impressão que se foi difundindo entre alguns irmãos uma opinião de que as consultas não são tão importantes ou não são levadas em consideração. A experiência da Congregação demonstra cotidianamente, ao contrário, que as decisões em todos os níveis são tomadas após cuidadoso estudo e levando efetivamente em consideração as propostas feitas pelos irmãos. Deve-se,

nisso, agradecer realmente aos irmãos pela sua franqueza em exprimir motivos e nomes de pessoas que vêm como preparadas para assumir a tarefa de inspetor, conselheiro inspetorial ou diretor de comunidade.

Os irmãos são interpelados formalmente também em outras ocasiões, como nas divisões de inspetorias ou na formação de novas circunscrições, ou quando a inspetoria encontra-se diante de decisões importantes, como no caso de novas aberturas ou redimensionamentos.

Os irmãos, além do mais, têm o direito e a possibilidade de exprimir o próprio parecer pessoal na preparação aos Capítulos Inspetoriais e Capítulos Gerais. Quanto à nomeação dos conselheiros locais, o Inspetor deve ouvir a comunidade local. O diretor, em nível local, é convidado a escutar freqüentemente a assembléia dos irmãos.

São diversificados, pois, os âmbitos em que os Superiores são chamados a escutar os irmãos através da consulta. Limito-me contudo, nesta contribuição, aos três casos ou níveis principais, que estabelecem uma relação entre inspetores e irmãos e entre inspetorias e Reitor-Mor com o seu Conselho.

Refiro-me especialmente à nomeação dos inspetores, conselheiros inspetoriais e diretores de comunidade. As mesmas Constituições dão-nos as indicações a seguir. É oportuno revê-las.

O inspetor é nomeado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, após ampla consulta, convocada pelo Reitor-Mor (cf. C 162) e normalmente feita pelo conselheiro regional.

Um membro do Conselho inspetorial (cf. C 167) é nomeado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, mediante a apresentação do inspetor. O inspetor busca os candidatos através de uma ampla consulta, orientada e examinada pessoalmente por ele.

O diretor é nomeado pelo inspetor, com o consentimento do seu Conselho e a nomeação é ratificada pelo Reitor-Mor. Para buscar o candidato a diretor, o inspetor faz uma oportuna consulta entre os irmãos da inspetoria (cf. C 177).

O princípio da participação e co-responsabilidade

O artigo 123 das Constituições afirma que a co-responsabilidade, baseada na comum vocação dos membros da Sociedade, «exige a participação dos irmãos... na escolha dos responsáveis de governo nos diferentes níveis e na elaboração de suas decisões mais significativas». As consultas são justamente um modo, entre outros, para obter-se uma informação adequada e sistemática.

É sabido que a co-responsabilidade pessoal e comunitária nas estruturas de governo e na escolha dos superiores é um dos ricos princípios sublinhados pela renovação do Concílio Vaticano II (CIC, cân. 625 e 633), onde se diz que a «nomeação por parte do Superior Maior é precedida de uma apropriada consulta» (525). O cânon 633 pede a participação de todos os membros e convida à discrição.

Quanto a nós, salesianos, devemos dizer que sempre tivemos um forte sentido de Congregação. Embora isso seja expresso diversamente nos vários tempos históricos, estamos habituados a formar “uma família de irmãos ao redor do próprio pai” (MB VIII, 828). Empenhamo-nos, então, em participar das decisões importantes da vida da inspetoria e das casas.

A consulta para escolher os superiores é um elemento importante do exercício da autoridade na Congregação, um modo de guiar a participação co-responsável de todos; existem, para isso, três meios:

— informação adequada: e é essa a finalidade da consulta, para poder envolver os irmãos na reflexão e no discernimento;

— diálogo pessoal, indispensável para valorizar cada irmão como "membro responsável";

— reflexão comunitária ou a busca comum da vontade de Deus (cf. *Il progetto di vita dei salesiani di Don Bosco*, pág. 818).

A nomeação do inspetor (C 162; R 142)

Tendo em vista a nomeação do inspetor, o Reitor-Mor promove a consulta convidando os irmãos da inspetoria a se exprimir em dois aspectos:

1. O estado da inspetoria, com suas urgências e sua caminhada histórica e, como conseqüência, as características ou o perfil do inspetor, necessário à inspetoria num momento concreto de sua história.

2. A indicação de três nomes de salesianos considerados idôneos para guiar a inspetoria, em ordem de preferência, indicando motivações e limites.

O conselheiro regional recolhe as fichas, apura-as e oferece a síntese dos resultados, com os juízos expressos, ao Reitor-Mor e ao Conselho Geral, para um aprofundamento calmo e sério, feito em várias retomadas durante as reuniões plenárias do Conselho. Ao final do discernimento apresentam-se a uma sondagem os nomes que surgiram da consulta e, finalmente, tendo por base a sondagem, procede-se à votação, que permite ao Reitor-Mor dialogar com a pessoa escolhida e fazer a nomeação.

O Conselho preparou um módulo usado para as consultas. Normalmente é o conselheiro regional quem orienta a consulta em nome do Reitor-Mor, fazendo-se

presente nas várias comunidades da inspetoria, quando possível, ou convocando várias comunidades juntas, ou ainda dirigindo-se a todos os diretores reunidos para explicar e solicitar a colaboração responsável; apenas raramente envia o formulário pelo correio.

A consulta para a nomeação do inspetor, portanto;

— é dirigida a todos os irmãos da inspetoria;

— é convocada pelo Reitor-Mor ;

— os resultados são enviados diretamente ao Reitor-Mor ou ao regional, que, em nome do Reitor-Mor, orienta a consulta.

(Ver sobre isso o n^o 9 de "*Elementi giuridici e prassi amministrativa del governo dell'ispettoria*", págs. 26-27).

A nomeação dos conselheiros inspetoriais (C 167; R 154)

Também esta consulta cabe ao Reitor-Mor com o seu Conselho, sendo de competência do Reitor-Mor com o seu Conselho a nomeação dos membros do Conselho inspetorial (C 167); e isso se dá pelo papel importante dos conselheiros inspetoriais, que devem estar ao lado do inspetor ao traçar as linhas e tomar as decisões mais relevantes para a inspetoria.

É o inspetor quem orienta a consulta entre todos os irmãos, mas com as modalidades estabelecidas pelo Reitor-Mor. É, pois, o inspetor, e somente ele, quem faz o espólio das fichas, e, em base às propostas feitas, propõe ao Reitor-Mor — para a nomeação — alguns nomes de candidatos que julgar mais idôneos à tarefa, para o serviço da inspetoria.

Recordo os elementos essenciais para a consulta e avaliação dos resultados:

— a consulta deve ser feita ao menos a cada três anos;

— todos os irmãos devem ser consultados;

— cada irmão indica, numa ficha especialmente preparada para isso, três nomes em ordem de preferência com as motivações (há uma ficha diversa para o vigário, para o ecônomo e para cada conselheiro que termina o seu mandato);

— as propostas são enviadas ao Reitor-Mor, de modo que possam ser examinadas — ordinariamente — durante as sessões plenárias, nos meses junho-julho ou novembro-dezembro;

— o mesmo inspetor faz a apuração das fichas e compila os módulos preparados pela secretaria geral, com a indicação das preferências e os juízos expressos. A análise dos resultados não é, portanto, tema de diálogo em sede de conselho inspetorial. O inspetor pode, contudo, com discrição, consultar pessoas de confiança para esclarecer as idéias vindas através da consulta.

O inspetor em seguida envia ao Reitor-Mor os módulos (são dois diferentes) cuidadosamente compilados: indica os números precisos do resultado da consulta e resume quanto dito pelos irmãos sobre os candidatos propostos. Explica também claramente os motivos de sua proposta.

Os módulos são considerados preciosos porque oferecem informações ao Reitor-Mor e ao seu Conselho para o discernimento e para a nomeação do conselho inspetorial.

(Ver os nn. 15. 16. 17 dos "Elementi giuridici e prassi amministrativa del governo dell'ispettoria", págs.29-31).

A nomeação do diretor (C 177; R 156)

O artigo 177 das Constituições diz que cabe ao inspetor nomear os diretores, com o consentimento do seu conselho e a aprovação do Reitor-Mor, após uma consulta aos irmãos

da inspetoria. É, pois, o mesmo inspetor quem convoca a consulta entre todos os irmãos, segundo a modalidade a ser estabelecida com o seu conselho (com "eventuais indicações do Capítulo Inspetorial" R 170).

O inspetor dispõe pessoalmente a apuração das fichas e apresenta os resultados ao seu conselho. Conforme as Constituições 165,2, o inspetor precisa do consentimento do seu conselho para nomear o diretor. Uma vez designada a pessoa, pedirá a sua aprovação por parte do Reitor-Mor com o módulo predisposto pela secretaria geral.

Ao compilar o módulo, o inspetor ou o seu secretário preocupar-se-á particularmente com a precisão e a exaustão da informação sobre a consulta feita e sobre a votação no conselho inspetorial. Pede-se que seja indicado o número dos consultados, o número das preferências recebidas e o número dos votos positivos ou negativos recebidos em sede de conselho inspetorial; o inspetor acrescentará a avaliação dada pelos irmãos na consulta e a dos conselheiros inspetoriais reunidos para o discernimento e para a votação, e o seu parecer pessoal. Cada uma dessas coisas tem o seu espaço previsto no módulo. Isso tudo é necessário a fim de permitir um discernimento cuidadoso por parte do Reitor-Mor e dos Conselheiros Gerais.

É necessário, enfim, lembrar que essas "práticas", consulta e envio dos módulos para o discernimento do Reitor-Mor, devem ser apresentadas "em tempo". Chegam freqüentemente, através de fax no último momento, com o pedido de responder por fax e com urgência. A capacidade de governar inclui também que se providenciem tempestivamente às decisões a serem tomadas. Nos casos em que, por reais urgências, se deva antecipar com um fax, tenha-se presente — e isso vale para todas as práticas (as várias nomeações, dispensas dos votos, *nulla osta* para

vendas ou aquisições, etc.) — que elas devem chegar ao Reitor-Mor ou à secretaria geral em cópia original.

Conclusão

Como acenava no início, estas indicações são motivadas pelo desejo do Reitor-Mor e do seu Conselho de recordar o valor das consultas nos diversos níveis, como meio de participação, e a necessidade de respeitar as modalidades estabelecidas, oferecendo todas as informações úteis para o discernimento. Os irmãos têm o direito, e também a obrigação, de dar a própria opinião com responsabilidade e participação. Por parte dos interessados, depois, é preciso que as informações recebidas dos irmãos sejam comunicadas cuidadosa, tempestiva e inteiramente.

Estas anotações poderiam parecer quem sabe uma chamada, mas querem ser apenas um lembrete de um importante empenho que permite o bom desenvolvimento do serviço da autoridade e exprime a confiança nos irmãos. Quem, melhor do que os próprios irmãos, sabe quais são as pessoas capazes de carregar o peso da responsabilidade de diretor, conselheiro inspetorial e inspetor?

4.1. Crônica do Reitor-Mor

10 de dezembro de 1996 — 16 de março de 1997

O Reitor-Mor participa, nos dias 17-18 de dezembro, das celebrações em homenagem a Dom Ximenes Belo feitas na Casa geral e na UPS. Ao falar aos presentes, sublinha o caráter pastoral e o significado salesiano do reconhecimento bem como os méritos pessoais de Dom Belo. Estavam presentes na Casa geral o bispo diocesano, Dom Antonio Buoncristiano, os irmãos cardeais e bispos: suas Eminências os Cardeais Alfonso Stickler, Rosario Castillo Lara e Antonio Javiere, e suas Excelências Dom Tarcisio Bertone, Dom Vincenzo Savio e Dom Gennaro Prata, a Madre geral das FMA, Ir. Antonia Colombo e os diversos ramos da Família salesiana com seus representantes mais qualificados. Desenvolveu-se um encontro de oração

e de fraternidade em homenagem a Dom Belo.

Em 31 de dezembro o Reitor-Mor vai à Casa geral das FMA para apresentar a Estréia 97. Presentes a Madre geral, Ir. Antonia Colombo, com o seu Conselho e um denso grupo de irmãs.

Realiza-se nos dias 17-19 de janeiro em Roma — Casa geral — a semana de Espiritualidade da Família salesiana. No dia 18 o Reitor-Mor comenta aos participantes a Estréia para 1997.

No dia seguinte, vai à Paróquia de Santa Maria della Speranza para encontrar o Santo Padre em visita àquela comunidade.

De 30 de janeiro a 11 de fevereiro, o Reitor-Mor participa dos diversos atos com

que se celebra o centenário da presença salesiana nos Estados Unidos da América.

Está na Califórnia entre os dias 30 de janeiro e 6 de fevereiro.

Aí mantém encontros com todos os jovens ou grupos representativos para uma breve mensagem ou um diálogo: em Richmond, na Salesian High School, em Bellflower na John Bosco High School, em Boyle Heights na Salesian High School e em Miami na escola gerida por cinco irmãs das Filhas de Maria Auxiliadora.

Participa dos momentos significativos das celebrações centenárias. Encontra os Conselhos inspetoriais de San Francisco, e New Rochelle, com a presença do superior do Canadá, P. Richard Authier, com a finalidade de escutar e trocar pareceres sobre a situação e os projetos dos salesianos nos Estados Unidos.

Visita também o Card.

Mahoney, arcebispo de Los Angeles.

Vai ao noviciado, onde celebra com os noviços a liturgia vespertina e, no boa-noite, agradece o convite e manifesta a grande impressão experimentada na visita à Inspetoria, que encontrou bem orientada, aberta com otimismo ao futuro e capaz de colaboração com os leigos. Sublinha com satisfação a presença dos salesianos entre os jovens pobres, sinal das bênçãos do Senhor, e o fato de ter notado muita cordialidade e boa vontade de escuta ao ensinamento de Dom Bosco por parte dos alunos das escolas visitadas. Convida os presentes a uma vida sempre mais salesianamente autêntica, a serem abertos à evangelização, sobretudo dos mais pobres, e a terem como grande preocupação a solicitude de acompanhar os jovens no caminho de fé.

De 6 a 10 de fevereiro está na Flórida.

Visita a paróquia de Miami, onde os salesianos trabalham junto a uma população em grande parte de origem Hispânica vinda de Cuba, Antilhas e América Central. Fala à Família salesiana reunida para a Santa Missa vespertina e faz uma reunião com os PP. Schafer, Ploch, Angelucci e Angel Soto e o P. Pasqual Chávez sobre a colaboração entre as inspetorias do Centro, Sul e Norte América.

Dia 7 de fevereiro vai a Tampa, onde se realiza o Encontro "SNAC 97" (Salesian North American Conference): reuniões dos inspetores e inspetoras com os Conselhos das inspetorias Leste e Oeste dos Estados Unidos e do Canadá. O tema do encontro é: "Salesian Spirituality and Laity formation". Eram 40 os presentes. A primeira conferência tem como tema a espiritualidade salesiana: "Salesian Spirituality". A segunda trata do tema da formação dos Salesianos e

Leigos: "Formation of Salesian and Laity". A terceira conferência é o comentário à estréia '97: "Com os olhos fixos em Jesus (*Hb* 12,2), primogênito de muitos irmãos (*Rm* 8,29), ajudemos os jovens a acolhê-lo na fé".

No domingo, 9 de fevereiro, celebra a Santa Missa na igreja dedicada a Mary Help of Christians na presença de salesianos, autoridades e um grande número de cooperadores. Ao final da Santa Missa, um membro do conselho municipal declara o dia 9 de fevereiro "Salesians day in Tampa - 100 years young", devido à ocorrência centenária da presença dos salesianos nos Estados Unidos, ao trabalho realizado pela Família salesiana na Flórida, e em Tampa particularmente, apreciado por todos, à presença do Revmo. P. Juan E. Vecchi, oitavo sucessor de Dom Bosco.

Após a Missa, o Reitor-Mor encontra-se com a família salesiana para o almoço e um momento cele-

brativo na quadra esportiva da escola.

Nos dias 14-18 de fevereiro, o Reitor-Mor está no Egito para as celebrações do centenário da presença salesiana em Alexandria.

É acolhido aí pelos jovens, na maior parte muçulmanos, com espetáculos de ginástica e de danças por parte de todos os componentes da escola: elementar, média, CFP. Também participa do espetáculo a escola das FMA com um número de danças muito aplaudido. Ao final o Reitor-Mor toma a palavra para agradecer aos jovens e repetir-lhes as palavras de Dom Bosco para que sejam felizes agora e sempre.

Encontra-se depois com os colaboradores que trabalham na escola e os representantes da Família salesiana. Cada ramo e setor dirige a sua saudação, apresenta a situação e expressa augúrios.

Reúne-se em seguida com os dois Conselhos inspeto-

riais do Oriente Médio, Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, para examinar o trabalho desenvolvido no Egito e para definirem-se por uma colaboração sempre mais construtiva.

Fala depois aos irmãos do instituto. Explica-lhes as orientações elaboradas pelo Conselho geral para o sexênio 1996-2002 seguindo o texto publicado nos ACG. Detém-se na explicação dos pontos principais de orientação e responde a perguntas.

Celebra no dia 16 a Santa Missa dominical na presença de um consistente grupo de fiéis, religiosos e religiosas. Presente Sua Excia. Dom Egidio Sampietri. O Reitor-Mor congratula-se na homilia com os irmãos e irmãs salesianos que levaram a obra ao estado atual em cem anos de trabalho e agradece aos irmãos e irmãs, religiosos e leigos, que a sustentaram com solidariedade e colaboração, e apresenta o espírito sale-

siano e o estilo educativo como o segredo da fecundidade da obra.

Assiste à grande sessão acadêmica em sua homenagem. Fazendo sua saudação, recorda que Dom Bosco dizia que toda casa salesiana é lar, pátio, teatro onde os jovens podem exprimir-se com toda a vitalidade, uma escola onde aprendem um trabalho e um templo onde expressam a própria fé. Os cem anos do instituto estiveram de acordo com o “modelo” apresentado por Dom Bosco. Convida a todos a concluir a sessão com um grande momento de pátio e teatro, escutando o canto dos jovens.

Segunda-feira, 17, o Reitor-Mor vai ao instituto do Cairo, situado na zona chamada Rod el Farek. Encontra as autoridades italianas e egípcias, participa da premiação dos estudantes diplomados. Agradece às autoridades italianas o apoio econômico que deram e às autoridades

egípcias a liberdade de trabalhar e o reconhecimento do trabalho que se faz. Deseja encontrar sempre essa liberdade de trabalho e a possibilidade de dar o que os Salesianos podem oferecer no campo da educação.

Aos jovens que saem diz que eles são os embaixadores dos Salesianos na sociedade. A qualidade educativa da escola será reconhecida através da responsabilidade deles nos lugares de trabalho para onde irão.

À noite, após a celebração das Vésperas, encontra-se com a Comunidade salesiana e das FMA do Cairo e outras pessoas vindas para a celebração. Apresenta o estado da Congregação Salesiana em sua componente numérica, especialmente no que respeita as vocações. Descreve as realidades da Congregação referindo-se às características das inspetorias de antiga constituição, fortalecidas na vida salesiana, e às fronteiras onde se procura ir avante com otimismo sem

deixar-se condicionar pelas dificuldades: África, Leste Europeu, Sudeste Asiático e China.

Nos dias 21-24 de fevereiro, o Reitor-Mor vai à Albânia para inaugurar os edifícios nos dois centros de Tirana e Scutari. Em Tirana, após a acolhida no pátio por parte de uma centena de rapazes e moças, encontra o P. Ferdinando Colombo, responsável do VIS e os sete voluntários do VIS que exercem suas atividades no centro salesiano de Tirana.

Sublinha, no encontro com os Salesianos e FMA, que num contexto como o albanês, caracterizado por variegadas culturas, religiões e realidades sociais, é necessário ser missionário no respeito dos traços característicos das pessoas. Mesmo o anúncio de Cristo, não possível explicitamente, realiza-se comunicando os valores da própria experiência cristã, convidando ao convívio e respeito recíproco atra-

vés do testemunho de vida.

Falando da colaboração entre as várias componentes sublinha que ela não implica unidade de gestão, mas trabalhar juntos com um projeto único num mesmo território, salvaguardando a autonomia e a identidade de cada sujeito.

O Reitor-Mor inaugura o Centro Juvenil, benze e coloca a primeira pedra da casa da comunidade salesiana na presença de várias autoridades: a ministra do trabalho, Arlinda Kek, o vice-prefeito de Tirana, Kaceli Buron, a vice-presidente do Parlamento, Margherita Cirko, o prefeito da cidade Regep Karapizi, o Cônsul italiano Giuseppe Manzo e a engenheira Danza, projetista da obra. Em seguida, o Reitor-Mor visita a zona confiada à nossa paróquia.

Vai, depois, ao encontro do Presidente do Parlamento, Arbnori Pjeter e do Presidente da República, Sali Berisha. O encontro é cordial. O Presidente agrade-

ce o trabalho desenvolvido pelos salesianos, sublinha o valor e a importância da educação ao trabalho na Albânia. O Reitor-Mor manifesta a estima e o apreço por aquilo que a colaboração com as autoridades albanesas permitiram realizar até o momento.

No dia 23 de dezembro, domingo, o Reitor-Mor vai a Scutari, onde participa da celebração presidida por Dom Frano Illja, arcebispo metropolitano. Estão presentes também outros quatro bispos: Dom Zef Simoni, auxiliar de Scutari, Dom Rrok Mirdita, arcebispo de Tirana e Durazzo e presidente da Conferência Episcopal Albanesa, Dom Angelo Massafra, bispo de Mirdita e administrador apostólico de Lesha, Dom Robert Ashta, bispo de Pultit. Presentes ainda muitos religiosos que celebram, e religiosas. A igreja está repleta com cerca de 2.000 pessoas.

Ao final da Santa Missa, o Reitor-Mor inaugura e

abençoa a construção que acolhe o oratório, o centro nacional para a catequese e a comunidade vocacional, e visita-a com os bispos, autoridades e povo.

À tarde, o Reitor-Mor encontra os irmãos da área balcânica. Estão presentes os irmãos de Tirana e Scutari e o P. Mirtek Janez de Pordgorica e o P. Gjalaj Nosh de Pristina, localidades de Montenegro habitadas por Albaneses.

Introduz a reunião constatando os progressos feitos: a presença salesiana conta com quinze irmãos, cinco pré-noviços e dez aspirantes. Há, portanto, um crescimento de pessoal que faz pensar com esperança no futuro salesiano da região.

Recorda a todos algumas urgências: amadurecer no espírito missionário como resposta ampla às necessidades do povo, continuar com o trabalho vocacional, tornar claro em cada presença o projeto que a anima. Sugere a criação de uma

coordenação visando a um amplo projeto de todas as obras que responda também aos serviços apostólicos rápidos, isto é, de todos os dias.

Seguem perguntas por parte dos irmãos, em geral sobre a atual situação da Albânia: as perspectivas futuras, as possíveis novas construções, a possibilidade de igrejas paroquiais e onde localizá-las, a colaboração com as FMA, o problema da inculturação, que tem como ponto inicial fundamental o aprendizado da língua, etc.

O Reitor-Mor, nos dias 2-8 de março, vai a Assis para pregar os exercícios espirituais aos diretores da inspetoria meridional e às diretoras das FMA das inspetorias napolitana e meridional.

No dia 9 de março vai a Milão para a Feira do Livro religioso, onde apresenta o texto do P. Domenico Ricca: "Ripartire dalla strada".

O Reitor-Mor vai a Caserta nos dias 14-16 de

março para o centenário da presença salesiana naquela cidade. Recebe a cidadania honorária da cidade na sala do Conselho Municipal, onde aguarda-o o Prefeito, Aldo Bulzoni, o Conselho, o Bispo da cidade, Dom Raffaele Nogaro, autoridades civis e militares.

Sábado, dia 15, após a Santa Missa encontra o Presbitério de Caserta com o Bispo, Dom Nogaro. Com eles discorre sobre a realidade e a pastoral juvenil, sublinhando a necessidade de cooperação entre todas as forças atuantes no território.

À tarde, na colina de Garzano, comemora a chacina de quatro irmãos, duas famílias e um soldado, caídos em 28 de setembro de 1943. P. Nannola, na época diretor do instituto de Caserta, recorda os acontecimentos.

Em seguida, no Instituto, descobre uma lápide doada pela Província como recordação do centenário, e dirige o discurso comemorativo do centenário a toda a

família salesiana. Indica como segredo dos resultados destes cem anos, o amor aos jovens, o Sistema Preventivo, o modelo oratoriano de presença e a abertura ao território. Aponta para o futuro a formação de um grande movimento educativo constituído por salesianos e leigos tendo como centro a Espiritualidade de Dom Bosco.

À noite encontra o Conselho da CEP. Recorda que ela é o centro motor de toda a obra educativa, chamada a orientar a atividade e envolvendo a todos numa participação ativa que se torne co-responsabilidade na conquista das metas propostas.

Domingo, 16 de março, o Reitor-Mor preside a Santa Missa para a Família salesiana e sublinha, na homilia, a necessidade de sermos mediadores da fé para os jovens que Deus nos faz encontrar, e retoma alguns pontos desenvolvidos na estréia 97.

Ao final da Missa des-

cerca um grupo estatutário representando Dom Bosco no ato de pedir a Miguel Rua que faça a metade com ele e inaugura a exposição fotográfica sobre os cem anos da presença salesiana em Caserta.

À tarde encontra os jovens do MJS e da Diocese. Está presente o Bispo, Dom Raffaele Nogaro. O Reitor-Mor responde a perguntas sobre a problemática do mundo juvenil.

O encontro conclui-se com um Recital, oferecido pelos jovens da escola e do oratório com o título “Mundo Jovem”.

4.2. Crônica do Conselho Geral

Teve início em 5 de novembro de 1996 a sessão plenária de inverno do Conselho Geral, que empenhou os Conselheiros — muitos dos quais provenientes da primeira tomada de visão da realidade das Regiões — até o dia 10 de

janeiro de 1997. Às reuniões plenárias, 33 ao todo, uniram-se os encontros de grupos e comissões para o estudo de diversos temas. Realizou-se, também, durante a sessão — nos dias 17-27 de novembro — a reunião dos novos Inspectores com o Reitor-Mor e com o seu Conselho. Os Conselheiros deram também a própria contribuição em encontros de animação, sobretudo os realizados junto à Casa Geral (como, por exemplo, os encontros dos diretores da Itália).

Como sempre, junto com os temas ou problemas mais relevantes para a animação da Congregação, foi dedicado o tempo necessário também às práticas ordinárias vindas das Inspetorias, como nomeações de membros dos Conselhos inspetoriais e aprovação de nomeações de diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades, práticas a respeito de irmãos e práticas econômico-administrativas.

Apresenta-se, em seguida, uma síntese dos assuntos mais importantes da ordem do dia.

1. *Nomeações de Inspetores*

Também nesta sessão, como já na anterior, foram numerosas as Inspetorias para as quais, devido ao final do mandato do Inspetor, devia-se nomear o novo Superior. O Conselho Geral proveu a isso, com um cuidadoso discernimento, tomando como base e ponto de referência os resultados da consulta feita na Inspetoria.

Aqui está o elenco, em ordem alfabética, dos Inspetores nomeados durante a sessão: Alencherry Francis, para a inspetoria de Calcutá, Índia; Angelucci Patrick, para a inspetoria de New Rochelle, USA; Bihlmayer Herbert, para a inspetoria de Munique, Alemanha; Fijikawa Nagali Estêvão, para a inspetoria do Japão; Kezhakkeera Joseph, para a nova inspetoria de Nova Délhi,

Índia; Klement Václav, para a visitadoria da Coréia; López Joaquín, para a inspetoria de Bahía Blanca, Argentina; Maruvathrail Mathew, para a inspetoria de Bangalore, Índia; Reina Nicholas, para a inspetoria de São Francisco, USA; Scaramussa Tarcísio, para a inspetoria de Belo-Horizonte, Brasil; Soto Angel, para a inspetoria das Antilhas; Strus Józef, para a inspetoria de Varsóvia, Polônia.

Apresentam-se no nº 5.3 deste número dos ACG alguns dados de cada Inspetor nomeado.

2. *Relatórios informativos de cada Conselheiro*

Como acenado acima, grande parte dos Conselheiros vinha das primeiras visitas ou encontros mantidos nas Regiões e/ou Inspetorias. Os Conselheiros dos diversos setores, também ocuparam-se, durante os meses agosto-outubro, com a primeira impostação

do trabalho do próprio dicastério.

Disso tudo — trabalho de setor e visitas às Inspetorias ou encontros em nível de Região — os Conselheiros apresentaram um relatório ao Conselho Geral.

Os diversos relatórios informativos, além do conhecimento compartilhado das situações específicas, contribuíram também para o surgimento de questões ou problemas particulares, que foram ou serão objeto de aprofundamento do próprio Conselho.

3. *Elaboração da programação do sexênio*

Continuando o trabalho iniciado já na sessão plenária de junho-julho de 1996 (cf. ACG 357, págs. 44-45, ed. italiana), sobre o que também houve um aprofundamento nas reuniões de Conselho "intermediárias" nos primeiros dias de outubro de 1996, levou-se a termo a elaboração da **programação do Reitor-Mor e**

do Conselho Geral para o sexênio 1996-2002, em suas três partes:

- 1^a - *programação geral*, sobre as prioridades de animação e governo do Reitor-Mor com o seu Conselho para toda a Congregação, que serve como pólo de referência e convergência para as programações setoriais e regionais;
- 2^a - *programação de cada setor*, em que a prioridade e os objetivos da programação geral são aplicados às áreas de animação de cada setor, com as respectivas e específicas competências;
- 3^a - *programação regional*, ou *programação para a animação das Regiões*, em que os objetivos e propostas tanto da programação geral como da dos setores são "contextualizadas" em vista das diversas realidades re-

gionais ou zonais; acrescenta-se, também, o que é próprio da Região pela sua estrutura e composição ou pela situação religiosa e cultural em que se encontra.

A programação em seu conjunto, e especificamente na parte geral, foi apresentada pelo próprio Reitor-Mor no nº 358 dos ACG (cf. págs. 42-54, ed. italiana). A programação toda, em suas três partes e diversas articulações, foi publicada depois no "número especial" dos ACG, suplemento ao nº 358.

4. *Ereção de uma nova Inspeção na Índia*

Recorda-se particularmente, entre os atos de governo, a decisão tomada pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, depois de cuidadoso estudo (iniciado pelo Conselho anterior) e depois da consulta entre os irmãos, promovida pelo próprio Reitor-Mor, para a ereção de uma nova inspeção na Índia.

dia, com sede em Nova Dé-
lhi, resultante da subdivisão
da Inspetoria de Calcutá.

O decreto de ereção da
Inspetoria, intitulada a
"Jesus Bom Pastor", onde
são precisados a composição
e os critérios de pertença, foi
apresentado no nº 358 dos
ACG (pág. 93, ed. italiana).

5. *Outros temas de estudo*

Entre os demais temas
que foram objeto de estudo
por parte do Conselho Geral
nesta sessão, recordam-se
particularmente os seguintes:

5.1 *Política cultural e for- mativa para qualificar o pessoal*

O Conselho refletiu sob-
re o tema no interior das
prioridades estabelecidas na
programação, com a finali-
dade precisa de concentrar a
atenção e a responsabili-
dade do Conselho nessa
linha prioritária de governo,
tirando algumas orientações
concretas e convergentes
para a animação da Congre-

gação. O Reitor-Mor indi-
cava nesse aspecto um dos
elementos de impulso e de
renovação no programa do
sexênio.

Após considerar as moti-
vações que apóiam a reflexão
sobre o tema (exigências de
um "salto de qualidade"
vindas da mudança global
do momento, das novas situ-
ações socioculturais e da
nova consciência eclesial
que representam novos hori-
zontes e desafios para a
nossa missão), deteve-se
sobretudo na consideração
de alguns pontos concretos e
mais significativos de um
investimento na qualidade
cultural: tanto na área das
pessoas como na das estru-
turas. Tiraram-se dessa
reflexão algumas conclusões
para a ação de animação e
governo do Conselho Geral.
O Reitor-Mor propõe-se a
transmitir oportunamente a
toda a Congregação algumas
reflexões a respeito.

5.2 *Funcionamento das estruturas de governo*

Através do trabalho de um grupo de estudo no interior do Conselho Geral, foi encaminhada uma primeira fase de estudo sobre o tema. E isso como aplicação de quanto pedido pela indicação do CG24, apresentada no nº 191 dos Atos do Capítulo. O Capítulo dirigiu, com efeito, um convite ao Reitor-Mor com o seu Conselho para que façam um cuidadoso estudo do funcionamento do próprio Conselho em sua articulação entre conselheiros de setores e regionais, para chegar-se depois a uma revisão mais completa das estruturas do governo central, envolvendo os Capítulos inspetoriais em vista do CG25.

Limitou-se, nesta primeira fase, à coleta de dados e de elementos úteis ao estudo, e examinaram-se os possíveis passos da caminhada, que será retomada e aprofundada nas sessões sucessivas.

5.3 *Administração e gestão dos recursos econômicos da Direção Geral*

Referindo-se a uma das indicações contidas na programação do Economato Geral, o Conselho quis aprofundar este ponto que toca o governo central, respondendo formalmente à questão: «Quais os critérios operativos que orientam a gestão e a distribuição dos fundos à disposição da direção geral e quais as competências do Economato e dos demais Dicastérios envolvidos?».

Partindo dos princípios constitucionais (sobre a unidade de governo e a unidade de gestão administrativa, a solidariedade e a função de controle nos diversos níveis), foram consideradas algumas linhas concretas para a administração e distribuição dos recursos, determinando competências e convergências na ação dos responsáveis.

Brotaram da reflexão algumas orientações claras para a gestão ordinária e

extraordinária e para o modo de proceder no destino dos recursos ou fundos de competência da Direção Geral. Foi dado um particular relevo ao estudo sobre um "fundo de solidariedade" em nível de Congregação.

5.4 *Estatuto e Diretório da Casa Geral*

Retomando o estudo já iniciado pelo Conselho anterior, em resposta também a algumas indicações surgidas na Assembléia Extraordinária ("ASTRA") celebrada em preparação ao CG24, o Conselho Geral examinou o Estatuto e o Diretório da Casa Geral, que é circunstância dependente diretamente do Reitor-Mor, aprovando algumas propostas de modificação que tinham sido feitas.

O texto do Estatuto está reproduzido no nº 5.2 destes

Atos do Conselho, com as modificações feitas, que substituem aquele aprovado com data de 12 de dezembro de 1983.

Ao concluir estes breves acenos de crônica, sublinhasse quanto o mesmo Reitor-Mor exprimia ao final da sessão sobre o clima de fraternidade e colaboração que distinguiu a convivência e o trabalho, unidos com os momentos comuns de oração. Momento significativo, já lembrado no número anterior dos ACG (cf. pág. 91, ed. italiana) foi o ato de homenagem, em clima de família, que o Reitor-Mor e o Conselho, com os membros da Casa Geral e da Família Salesiana de Roma, quiseram prestar ao bispo salesiano Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, Prêmio Nobel para a paz.

5.1. XIX Encontro de Espiritualidade da Família Salesiana

Foi realizado nos dias 17-19 de janeiro de 1997 junto ao *Salesianum* de Roma, o *XIX encontro de espiritualidade da Família Salesiana*. Estavam presentes 15 grupos da Família Salesiana, dentre os 17 reconhecidos, com 150 participantes do mundo todo. Foi uma agradável surpresa para os participantes ter nas mãos logo de início o livro dos Atos com os textos na língua de comunicação e na tradução italiana.

O tema foi *Jesus Cristo*, alinhado com a "Estréia 1997" e com a reflexão que empenha a Igreja neste primeiro ano do triênio de preparação imediata ao terceiro milênio.

A originalidade do Encontro resultou do aprofundamento que os 15 grupos

fizeram da pessoa e do mistério de Cristo nas respectivas Constituições ou Regulamentos/Estatutos. Emergiram da reflexão não apenas os traços específicos de cada grupo, como também e sobretudo o que todos os grupos têm em comum, enquanto discípulos de Jesus Cristo. Jesus Bom Pastor como modelo, os itinerários formativos centralizados na pessoa de Jesus, a opção pelos jovens, pelos pequenos, pelos pobres, pelos que sofrem como núcleo da missão apostólica, o esforço de atuar o Sistema Preventivo como pedagogia, espiritualidade, metodologia apostólica e empenho no social, a centralidade da Eucaristia na vida de cada dia, a celebração do Sacramento da Reconciliação, a

fidelidade à Igreja... são alguns dos traços vividos em comum pelos vários grupos da Família Salesiana e outras tantas pistas de aprofundamento a serem desenvolvidas no decurso do ano.

Outros temas surgidos, que exigem reflexão pessoal e comunitária, foram: a releitura das Constituições dos SDB a partir de Jesus Cristo, o estudo histórico e temático sobre Jesus Cristo nas Constituições das FMA, os pontos básicos da figura de Cristo no Regulamento de vida apostólica dos Cooperadores, o Cristo modelo de secularidade consagrada para as VDB; e ainda: o tema "discípulo de Cristo enquanto discípulo de Dom Bosco", a urgência de anunciar Jesus e o seu evangelho com a palavra e com a vida, Cristo fundamento do projeto de vida, Jesus misericordioso, Jesus mestre, servo e bom pastor, Cristo missionário, Cristo sacramento universal de salvação, Jesus o "filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia".

O interessante trabalho dos grupos foi enquadrado por cinco conferências temáticas. O bispo de Anvers, Dom *Paulo Van Den Berghe*, falou da fé em Jesus Cristo através da reflexão bíblica, esclarecendo as interrogações mais problemáticas que o homem de hoje se coloca. Padre *Francesco Motto* apresentou o aspecto histórico, através de um estudo voltado a evidenciar a presença de Jesus Salvador na cultura e na prática religiosa do século XIX e na experiência de Dom Bosco, propondo uma antologia exemplar de textos de Dom Bosco, muito característicos pela familiaridade e simplicidade da linguagem. *Jean-Paul Muller*, salesiano coadjutor da inspetoria de Colônia, tornou a propor o Sistema Preventivo em sua orientação para Cristo, com a atenção sempre voltada à condição dos jovens de hoje, por muitos motivos problemática. Irmã *Marcella Farina* FMA fez refletir sobre a Eucaristia na mística apostólica salesiana, com algumas acentuações antro-

pológicas que interessaram o auditório. *Álvaro Ginel* ofereceu uma interessante lição de metodologia catequética: caros jovens, apresento-vos Jesus.

A estréia de 1997 para a Família Salesiana: "*Com os olhos fixos em Jesus, primogênito de muitos irmãos, ajudemos os jovens a acolhê-lo na fé*", foi apresentada e comentada pelo Reitor-Mor, P. Juan Edmundo Vecchi, que indicou a todos os grupos um quadro comum de referência, na exigência sempre mais advertida de que é preciso partir do evangelho para anunciar Jesus Salvador e para ser de ajuda aos jovens a fim de que o acolham na fé. P. Vecchi sublinhou a exigência de os vários grupos da Família Salesiana tornarem-se portadores de alguns "ícones salesianos" de Jesus, enquanto «inspiram a nossa espiritualidade e plasam a nossa pedagogia». O Reitor-Mor propôs, em síntese, algumas imagens que estão presentes de várias maneiras em todos os projetos de vida apostólica da

Família Salesiana: Jesus Bom Pastor, Jesus amigo dos jovens, Jesus o Homem novo. A fim de eliminar as distâncias, que facilmente se interpõem entre educadores e jovens, o P. Vecchi convida, com uma imagem singular, a «subir no carro deles como fez o diácono Felipe».

A grande quantidade de material de reflexão contida no livro dos Atos deste XIX encontro de Espiritualidade da Família Salesiana pode, de um lado, ajudar os diversos grupos a responder à pergunta de Jesus: «Vós, quem dizeis que eu sou?», e, de outro, à medida que se afirma com o apóstolo Pedro a própria fé em Jesus: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo», cada membro da Família Salesiana empenhar-se-á mais no seguimento de Jesus, como fez Attilio Giordani, cooperador salesiano, de quem o P. Pasquale Liberatore traçou o perfil espiritual, fundado no carisma educativo que Dom Bosco transmitiu aos seus filhos.

5.2. Estatuto da Casa Geral

Apresenta-se o texto do Estatuto da Casa Geral, aprovado pelo Reitor-Mor, com as modificações introduzidas depois do estudo feito pelo Conselho Geral na sessão plenária invernal (cf. crônica do Conselho, n.º 4.2).

Prot. n. 021/97

1. O Superior maior da Casa Geral é o Reitor-Mor, que, pelo mesmo fato, assume diretamente todas as tarefas, direitos e faculdades de um Inspetor em relação a uma casa salesiana dele dependente.
2. O Reitor-Mor dá mandato especial ao seu Vigário para o exercício ordinário dessas tarefas, direitos e faculdades.
3. A comunidade "Beato Miguel Rua" tem um diretor, que nela exerce a autoridade conforme as Constituições. É nomeado pelo Reitor-Mor, levando em conta as indicações obtidas através de uma oportuna consulta.
4. O Diretor, na animação e no governo da comunidade, é assistido por um Conselho composto de acordo com as Constituições (art. 178). São membros do Conselho:
 - o vigário e o ecônomo;
 - um irmão da Casa designado pelo Reitor-Mor;
 - três membros eleitos anualmente pela Assembléia dos irmãos.
5. Os irmãos juridicamente inscritos na Casa Geral deixam de fazer parte da própria Inspetoria de proveniência por todo o tempo que durar o seu encargo conservando, porém, a pertença radical à Inspetoria de onde provêm.
6. A Assembléia extraordinária (ASTRA) é a assembléia representativa dos irmãos da comunidade "Beato Miguel Rua". É convocada pelo Reitor-

Mor em vista do Capítulo Geral e é ordinariamente presidida pelo Vigário do Reitor-Mor. Suas finalidades são: a eleição do Delegado ao Capítulo Geral, o estudo de temas e a formulação de propostas a serem enviadas ao mesmo Capítulo Geral, como também problemas inerentes à vida e atividade da comunidade.

Participarão da ASTRA o Diretor, o Conselho local e um número de irmãos juridicamente inscritos na comunidade, eleitos na proporção de 1 para cada 6 ou fração de 6.

7. Outras Assembléias extraordinárias poderão ser convocadas pelo Reitor-Mor para tarefas precisas.

Roma, 31 de janeiro de 1997.

P. Juan E. Vecchi
Reitor-Mor

P. Francesco Maraccani
Secretário Geral

5.3. Novos Inspetores

Apresentam-se os dados principais sobre os novos Inspetores, nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária de novembro-dezembro de 1996.

1. P. ALENCERRY Francis,
inspetor de CALCUTÁ
(Índia).

Ao final do sexênio de Thomas Polackal, o sac. Francis ALENCERRY foi nomeado para guiar a Inspeção de Calcutá.

Nascido em 29 de agosto de 1950 em Thuruthy, Kottayam, Estado do Kerala, frequentou o aspirantado de Bandel, onde amadureceu a vocação salesiana, passando em seguida ao noviciado de Shillong. Concluindo o ano de noviciado, emitiu a primeira profissão salesiana em 24 de maio de 1969.

Realizados os estudos filosófico-pedagógicos e feito o tirocínio prático, frequentou o curso de Teologia no

estudantado de Bangalore. Foi ordenado presbítero em Thuruthy, sua cidade natal, em 18 de dezembro de 1978. Em seguida foi a Roma, onde conseguiu a Licença e depois a Láurea em Teologia Bíblica, junto ao Pontifício Instituto Bíblico.

Retornando à Índia, foi professor por vários anos e depois diretor no estudantado teológico de Shillong. Ultimamente, desde 1995, trabalhava na "Auxilium Parish" de Calcutá.

2. *P. ANGELUCCI Patrick, inspetor de NEW ROCHELLE (Estados Unidos Leste).*

Patrick Angelucci é o novo Inspetor da Inspetoria Leste dos Estados Unidos, com sede em New Rochelle. Sucede a Timothy Ploch, à conclusão do sexênio.

Nasceu no Bronx, província de Nova Iorque, em 15 de setembro de 1946. Atraído pela vocação salesiana, fez o noviciado em Newton, onde emitiu a primeira profissão religiosa

em 16 de agosto de 1966. Frequentou os estudos de filosofia e pedagogia seguidos da prova do tirocínio prático.

Foi depois a Newton, estudantado salesiano, para os estudos teológicos, coroados com o Mestrado em Teologia. Em 24 de abril de 1976 foi ordenado padre em Westerville (Ohio).

Inseriu-se após a ordenação sacerdotal no trabalho educativo pastoral. Em 1982 foi nomeado diretor da casa de Marrero e em 1988 da de West Havertraw, de onde passou, em 1991, a Miami até 1995.

Em 1995-96 esteve em Roma para um ano de especialização em nossa Universidade Salesiana. Retornando aos Estados Unidos, foi feito diretor da casa de Paterson, onde recebeu a nomeação para Inspetor.

3. *BIHLMAYER Herbert, inspetor de MUNIQUE (Alemanha).*

Padre *Herbert BIHLMAYER* foi confirmado para

um segundo sexênio como guia da Inspetoria "Maria Auxiliadora", com sede em Munique, Alemanha. Recebeu a nomeação para o primeiro sexênio no cargo em 5 de dezembro de 1990. Agora, após seis anos de empenhado trabalho, foi reeleito em base à consulta inspetorial. (*Para os dados cf. ACG 335, pág. 68.*)

4. *P. FUJIKAWA Nagaki*
Estêvão, inspetor da
Inspetoria do JAPÃO.

Foi chamado para suceder ao P. Francisco Mizobe Osamu, o sac. *Estêvão FUJIKAWA Nagaki*, nomeado inspetor da Inspetoria de Tóquio, Japão.

Ele nasceu em Osaka Nishinariku em 9 de agosto de 1944. Aluno da escola salesiana de Tóqui-Suginami, passou ao noviciado de Tóquio-Chofu, onde — no final do ano — emitiu a primeira profissão em 25 de março de 1965.

Realizados os estudos filosóficos e pedagógicos e feito o tirocínio prático, fre-

qüentou os cursos de teologia em Tóquio, onde foi ordenado presbítero em 12 de outubro de 1974. Conseguiu também a licença em Teologia.

Seguiram-se à ordenação sacerdotal os anos de trabalho educativo e apostólico em várias casas da Inspetoria. Em 1987, após um período de qualificação passado em Roma, UPS, foi nomeado Mestre dos novícios, cargo que ocupou por um sexênio. Em 1991 foi nomeado membro do Conselho inspetorial e em 1994, concluído o encargo de Mestre, foi chamado a desenvolver o serviço de Secretário inspetorial. Também em 1994 foi nomeado diretor da casa inspetorial. Em 1995 fora enviado novamente à casa de Tóquio-Chofu, como diretor.

5. *P. KEZHAKKEKARA*
Joseph, inspetor de
NOVA DÉLHI (Índia).

O sacerdote *Joseph KEZHAKKEKARA* foi nomeado pelo Reitor-Mor com

o seu Conselho para guiar como Inspetor a nova Inspetoria "Jesus Bom Pastor" de Nova Délhi, erigida canonicamente em dezembro de 1996.

Nascido em Kizhathadyoor, Palai, Estado do Kerala, em 1º de outubro de 1936, após frequentar o aspirantado de Bandel, fez o noviciado em Yercaud, onde emitiu a primeira profissão salesiana em 24 de maio de 1956. Concluídos os estudos filosófico-pedagógicos e feito o tirocínio prático, frequentou o curso teológico no estudantado salesiano de Shillong, onde foi ordenado padre em 17 de abril de 1966.

Foi logo chamado a assumir tarefas de responsabilidade. Conselheiro inspetorial em 1970, foi nomeado Vigário do Inspetor de Calcutá em 1974 e ao mesmo tempo diretor da casa de Calcutá-Tengra. Depois de quatro anos, em 1978, os Superiores confiaram-lhe a guia da Inspetoria de Calcutá, nomeando-o Inspetor.

À conclusão do sexênio

como Inspetor, esteve por cinco anos na comunidade de Nova Délhi Alaknanda e depois em Bangalore, no centro nacional de pastoral juvenil. Em 1996 fora novamente mandado a Nova Délhi, casa de Okhla, como diretor. Ali recebeu a nomeação como Inspetor da nova Inspetoria.

6. *P. KLEMENT Václav,*
Superior da Visitadoria
da CORÉIA

O novo superior da Visitadoria da Coréia é o sac. *Václav KLEMENT*, sucedendo ao P. Marc Cuvelier, que guiou a Visitadoria por doze anos.

Ele nasceu em 7 de outubro de 1958 em Brno, então Checoslováquia (hoje República Checa), e é salesiano desde 4 de setembro de 1982, quando emitiu a primeira profissão religiosa nos tempos difíceis da clandestinidade.

Em seguida pôde ir à Itália, Roma, onde fez os estudos filosófico-pedagógicos

e, depois, os de teologia. Foi ordenado presbítero em 25 de maio de 1986.

Logo após a ordenação sacerdotal, acolhendo o chamado missionário, foi para a Coreia, onde aprendeu a língua e inseriu-se plenamente na vida e na missão salesiana. Foi nomeado diretor da casa de Seul, Dae Rim Dong, em 1994. Agora os Superiores chamaram-no à tarefa de animação e governo da Visitadoria.

7. *P. LÓPEZ Joaquín,*
inspetor de BAHÍA
BLANCA (Argentina).

O sac. *Joaquín LOPEZ PEDROSA* foi nomeado como guia da Inspetoria "São Francisco Xavier" de Bahía Blanca, sucedendo ao P. Rubén Hipperdinger.

Nascido em Guadix, Granada, Espanha, em 15 de julho de 1942, fez o noviciado em San José del Valle, emitindo a primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1959.

Partiu, ainda jovem clérigo, para a Inspetoria da

Patagônia, Argentina, onde fez o tirocínio prático e emitiu a profissão perpétua.

Foi mandado a Roma, UPS, para os estudos teológicos, onde conseguiu a Licença em Teologia, sendo ordenado presbítero em 17 de maio de 1970.

Voltando à Argentina, inseriu-se no trabalho educativo e pastoral. Em 1979 foi nomeado diretor da casa "Don Zatti" de Bahía Blanca e três anos depois, 1982, foi eleito membro do Conselho inspetorial. Diretor da casa "Don Bosco" de Bahía Blanca em 1986, foi nomeado Vigário do Inspetor no ano seguinte, e em 1990 diretor da casa inspetorial.

Agora é confiada a ele a animação da comunidade inspetorial.

8. *P. MARUVATHRAIL*
Mathew, inspetor de
BANGALORE (Índia).

P. Mathew MARUVATHRAIL, novo inspetor da Inspetoria "Sagrado Coração" de Bangalore, Índia, su-

cede ao P. Thomas Myladoor, no final do seu mandato.

Nascido em Kavalan, Kerala, em 28 de novembro de 1929, é salesiano desde 24 de maio de 1951, quando emitiu a primeira profissão em Kotagiri, onde fizera o noviciado. Frequentara anteriormente o aspirantado salesiano de Tirupattur.

Concluídos os estudos filosóficos e pedagógicos e feito o tirocínio prático, frequentou o curso de teologia em Turim-Crocetta, coroado com a Licença e depois, com a Láurea, em Teologia. Recebeu em Turim a ordenação presbiteral em 11 de fevereiro de 1962.

Voltando à Índia, teve como tarefa principal, que lhe foi confiada pelos Superiores, ser professor e formador no estudantado teológico "Kristu Jyoti College" de Bangalore. Foi seu diretor por um sexênio, de 1975 a 1981. Foi também nesse período membro do Conselho inspetorial.

Agora os Superiores chamaram-no à responsabilidade de guiar a Inspeção.

9. *P. REINA Nicholas, inspetor de SÃO FRANCISCO (Estados Unidos Oeste).*

P. *Nicholas REINA* sucede ao P. William Schafer na condução da Inspeção dos Estados Unidos Oeste, com sede em São Francisco.

Nascido em Nova Iorque em 7 de abril de 1948, foi aluno da escola salesiana de Los Angeles, onde amadureceu a vocação para estar com Dom Bosco. Passando ao noviciado de Newton, emitiu a primeira profissão religiosa em 15 de agosto de 1967.

Após os estudos de filosofia e pedagogia e da experiência do tirocínio prático, seguiu o curso teológico na comunidade formadora de Berkeley, Califórnia. Foi ordenado padre em Los Angeles em 8 de abril de 1978. Concluiu os estudos com o título de Ph. D. em Teologia.

Após a ordenação sacerdotal, foi professor, educador e animador em várias comu-

nidades: Bellflower, Berkeley e, por um longo período, em Rosemead, no Instituto Técnico Dom Bosco, do qual foi sucessivamente Vigário e depois Diretor. Desde 1991 era membro do Conselho inspetorial.

10. *P. SCARAMUSSA*
Tarcísio, inspetor da
Inspetoria de BELO
HORIZONTE (Brasil).

Ao final do mandato do P. Alfredo Carrara, o P. *Tarcísio Scaramussa* foi nomeado para a guia da Inspetoria "São João Bosco" de Belo Horizonte, Brasil.

Ele nasceu em 19 de setembro de 1950 em Prosperidade, estado do Espírito Santo, Brasil. Aluno do colégio salesiano de Jaciguá, amadureceu a vocação salesiana, passando ao noviciado feito em Jaboaão, emitindo aí a primeira profissão em 31 de janeiro de 1969.

Em seguida, feitos os estudos filosófico-pedagógicos e concluído o tirocínio

prático, freqüentou os cursos de teologia em Belo Horizonte. Em 11 de dezembro de 1977 foi ordenado presbítero em Prosperidade, sua cidade natal. Academicamente, conseguiu Licença em Filosofia, Pedagogia e Teologia.

Após a ordenação sacerdotal, trabalhou no ensino e na animação educativa pastoral. Em 1985 os Superiores confiaram-lhe a direção da casa de Jaciguá (hoje Vargem Alta). Em 1988 foi inserido no Conselho inspetorial e, em 1989 transferido, como diretor, à paróquia "Cristo Luz dos Povos" em Belo Horizonte. Em 1990 foi nomeado Vigário do Inspetor, cargo que exerceu até à nomeação como Inspetor.

11. *P. SOTO Angel, inspetor*
da Inspetoria das
ANTILHAS.

P. Angel SOTO CRUZ é o novo Inspetor da Inspetoria das Antilhas, sucedendo ao P. Juan Linares, ao final do mandato.

Nascido em Santo Domingo, capital da República Dominicana, em 27 de novembro de 1942, foi aluno do aspirantado de Jarabacoa, de onde passou ao noviciado de Arroyo Naranjo. Ali, no final do ano de noviciado, emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1959.

Cursou em seguida os estudos de filosofia e pedagogia e fez o tirocínio prático, passando depois ao estudiantado da Guatemala para os estudos de teologia, ao final dos quais recebeu a ordenação presbiteral (Santo Domingo, 4 de outubro de 1969). Depois, no Ate-neu Salesiano de Turim-Crocetta, conseguirá a Licença em Ciências da Educação (1974).

Os Superiores confiaram-lhe logo responsabilidades de animação e governo. Em 1974 foi nomeado diretor da comunidade "Sagrado Coração" em Santo Domingo e dois anos depois foi inserido no Conselho inspetorial. Foi Vigário do Inspetor de 1978 a 1984,

quando foi-lhe confiada a responsabilidade de Inspetor. Concluído o sexênio, foi mandado como diretor ao aspirantado de Jarabacoa. Agora, o Reitor-Mor com o seu Conselho confia-lhe novamente a guia da Inspetoria.

12. *P. STRUS Józef,*
inspetor de VARSÓVIA
(Polônia).

Sucedendo ao P. Zbigniew Malinowski no final do mandato, o P. *Józef Strus* foi nomeado para guiar a Inspetoria "S. Estanislau Kostka" de Varsóvia, Polônia.

Ele nasceu em Czore, diocese de Krizevci, Polônia, em 9 de abril de 1941 e é salesiano desde 2 de agosto de 1960, quando emitiu a primeira profissão em Czerwinsk, ao final do ano de noviciado.

Feitos os estudos filosófico-pedagógicos e realizada a experiência do tirocínio prático, freqüentou o curso teológico no estudiantado salesiano de Lad, onde foi

ordenado presbítero em 3 de junho de 1969.

Em seguida foi enviado a Roma para completar os estudos, junto à Universidade Pontifícia Salesiana, onde conseguiu a Láurea em Espiritualidade (1973).

Concluído o itinerário acadêmico, permaneceu a pedido dos Superiores na mesma Universidade Salesiana como professor no setor da espiritualidade. Foram-lhe entregues ao mesmo tempo encargos de animação e governo na Visitadoria da UPS: diretor da comunidade "B. Miguel Rua" (1983-1992) e Conselheiro da Visitadoria (1983-1992), foi nomeado Vigário do Superior da Visitadoria em 1993 e, ao mesmo tempo, diretor da comunidade "Jesus Mestre".

Em 1996, retornando à Polônia, Inspetoria de Varsóvia, foi nomeado diretor da comunidade de formação teológica de Lodz. Aí recebeu a nomeação para Inspetor.

5.4. Duas publicações do Instituto Histórico Salesiano. Aprovação da ACSSA

Cinco anos depois da publicação do primeiro volume da edição crítica do *Epistolario di Don Bosco* (dezembro 1991), a Editora LAS de Roma publicou em outubro de 1996 o *segundo volume* da obra, preparado pelo próprio diretor do ISS, P. Francesco Motto, na coleção *Fonti* do Instituto Histórico Salesiano (Série Prima, 8).

O texto apresenta-se no mesmo formato (superior ao normal) e rico de 537 cartas, das quais um terço inédito. Abrange os anos 1864-1868, ou seja, o quinquênio da construção da igreja de Maria Auxiliadora e da fundação da Congregação Salesiana. Entre os destinatários não estão mais quase que unicamente personagens turinenses ou piemontesas, mas residentes em várias regiões da Itália (Liguria, Lombardia, Veneto, Emilia Romagna, Lazio,

etc.) como também de fora dos limites nacionais. Um amplo apêndice oferece indicações de dezenas de cartas não encontradas; o aparato crítico das variantes e as notas histórico-ilustrativas de cada carta fazem do epistolário um instrumento — único e indispensável — para quem deseje conhecer Dom Bosco dia a dia, com proximidade, sem nenhum filtro de interpretação. Os dois volumes editados até agora, num total de 1.430 pp. e 1.263 cartas, integram e em grande parte substituem o primeiro volume da edição preparada pelo P. Eugenio Ceria em 1955, na maioria dos casos em base aos textos editados nas "Memorie Biografiche". A obra completa, prevista em 8 volumes, é certamente preciosa para toda biblioteca.

A mesma editora LAS publicou na coleção *Studi* (nº 9) do ISS, em setembro de 1996, os Atos do II encon-

tro sobre a história da Obra Salesiana, realizado em Roma em novembro de 1995: *Estabelecimentos e iniciativas salesianas depois de Dom Bosco*, preparada por F. Motto (595 p.). O volume recolhe duas intervenções de índole metodológica ("Como fazer história em institutos escolásticos mantidos por religiosos" e "Como fazer pesquisas nos arquivos vaticanos") e 17 relações-comunicações sobre obras salesianas, inspetorias e inspetorias pertencentes a um mesmo país. Não faltam algumas intervenções relativas às FMA sobre a preparação das professoras na Itália, suas fundações na Espanha, as primeiras experiências na Tunísia. Os textos são publicados na língua do autor: italiano, francês, inglês, espanhol, português, para favorecer a leitura nos cinco continentes. O prefácio é do Reitor-Mor, P. Juan E. Vecchi. O volume é recomendado sobretudo àqueles que, nas várias inspetorias, trabalham no âmbito da historio-

grafia salesiana (Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, membros da Família Salesiana, leigos em geral).

O Reitor-Mor aprovou por cinco anos, com data de 9 de outubro de 1996, o Estatuto da **ACSSA (Associação dos Cultores de História Salesiana)** elaborado no decurso de dois encontros sobre a história da obra salesiana (Roma, janeiro de 1993 e novembro de 1995). A Associação propõe-se a “promover os estudos sobre a história salesiana, favorecendo a pesquisa, atualização e colaboração entre os membros, animando a Família Salesiana sob o perfil histórico-gráfico, divulgando o conhe-

cimento sobre Dom Bosco e os movimentos que dele tiveram origem, em diálogo com análogas instituições civis e religiosas» (art. 1). São seus sócios aqueles que, qualificados em ciências históricas ou ao menos operantes nos vários níveis de pesquisa, apresentam o próprio pedido e são aceitos pela presidência (art. 6).

Foi eleito como primeiro presidente da assembléia "constituente" o P. Ramón Alberdi (Barcelona), e, como secretário o P. Aldo Giraudo (Turim). A sede da ACSSA é junto à Casa Geral salesiana de Roma, à qual inspetores, irmãos, FMA e leigos podem dirigir-se para qualquer informação. O Estatuto será publicado em *Ricerche Storiche Salesiane* n° 30 (janeiro-junho de 1997).

5.5 Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.1996

Insp.	Total 1995	Professos Temporários				Professos Perpétuos				Total Professos	Noviços	Total 1996
		L	S	D	P	L	S	D	P			
AFC*	241	14	42	0	0	30	9	0	112	207	17	224
AFF	140	4	32	0	0	17	7	0	77	137	8	145
AFM	65	0	7	0	0	7	0	0	52	66	0	66
ANT	174	3	40	0	0	14	9	0	100	166	10	176
ABA	181	3	7	0	0	14	7	0	139	170	2	172
ABB	146	1	8	0	0	16	7	0	105	137	4	141
ACO	149	2	22	0	0	11	8	0	103	146	5	151
ALP	104	6	9	0	0	11	5	0	72	103	7	110
ARO	144	4	22	0	0	16	6	0	90	138	5	143
AUL	125	2	12	0	0	22	2	0	85	123	6	129
AUS	130	0	7	0	0	13	3	1	101	125	2	127
BEN*	212	1	13	0	0	24	3	0	191	232	0	232
BES	104	5	6	0	0	9	0	0	80	100	0	100
BOL	172	13	49	0	0	12	8	0	77	159	11	170
BBH	161	3	14	0	0	23	3	0	154	111	4	158
BCG	156	6	17	0	0	23	4	0	97	147	3	150
BMA	137	4	23	0	0	18	7	0	76	128	4	132
BPA	112	1	15	0	0	8	6	0	78	108	3	111
BRE	89	3	14	0	0	13	2	0	56	88	5	93
BSP	229	2	32	0	0	32	8	0	144	218	6	224
CAM	261	17	33	0	0	28	10	0	158	246	11	257
CAN	39	0	2	0	0	5	1	0	33	41	0	41
CEP	205	7	29	0	0	8	5	1	147	197	3	200
CIL	257	8	40	0	0	18	22	0	159	247	5	252
CIN	136	0	4	0	0	36	3	1	90	134	0	134
COB	188	4	22	0	0	26	4	0	114	170	0	170
COM	161	4	27	0	0	18	7	0	97	153	9	162
CRO	88	0	9	0	0	5	3	0	65	82	4	86
ECU	246	3	34	0	0	23	10	0	167	237	5	242
EST	115	0	49	0	1	1	2	0	68	121	14	135
FIN	205	5	33	0	0	18	6	0	131	193	8	201
FIS	196	12	74	0	0	16	13	1	72	188	18	206
FLY	151	0	5	0	0	31	2	0	111	149	1	150
FPA	224	0	12	0	0	34	4	0	171	221	3	224
GBR	140	1	6	0	0	15	3	0	110	135	1	136
GEK	178	5	9	0	0	37	5	0	118	174	4	178
GEM	276	7	8	0	0	62	6	0	189	272	1	273
GIA	151	1	28	0	0	20	6	0	95	150	5	153
HAI	69	2	26	0	0	1	4	0	28	61	6	67
INB	261	4	59	0	0	22	23	0	146	254	8	262
INC	341	5	85	0	0	36	13	0	188	327	21	348
IND	205	6	58	0	0	5	9	0	118	196	11	207
ING	331	4	89	0	0	24	27	0	170	314	20	334
INH	148	3	59	0	0	3	8	0	70	143	6	149
INK	277	6	73	0	0	6	20	0	145	250	28	278
INM	446	7	117	0	0	28	55	0	215	422	28	450
IRL	114	4	5	0	0	7	2	0	98	116	1	117

78 ATOS DO CONSELHO GERAL

Insp.	Total 1995	Professos Temporários				Professos Perpétuos				Total Professos	Noviços	Total 1996
		L	S	D	P	L	S	D	P			
IAD	162	0	18	0	0	28	1	0	114	161	1	162
ICP	835	9	40	0	0	211	6	1	530	797	13	810
ILE	446	8	43	0	0	65	12	0	311	439	13	452
ILT	215	3	14	0	1	34	2	1	152	207	1	208
IME	312	1	20	0	0	41	9	0	235	306	3	309
IRO	310	1	13	0	0	68	9	2	216	309	0	309
ISA	78	1	3	0	0	7	0	0	61	72	0	72
ISI	308	2	6	0	0	28	6	1	261	304	2	306
IVE	287	3	29	0	0	50	6	1	188	277	6	283
IVO	229	2	8	0	1	48	3	0	163	225	1	226
KOR	89	7	31	0	0	13	3	0	34	88	5	93
MDG	62	1	17	0	0	7	4	0	31	60	6	66
MEG	223	8	48	0	0	9	14	0	134	213	16	229
MEM	207	6	44	0	0	13	3	0	107	183	17	200
MOR	164	5	24	0	1	23	4	0	103	160	12	172
OLA	78	1	2	0	0	21	0	1	54	79	0	79
PAR	102	4	17	0	0	6	5	0	64	96	5	101
PER	188	9	38	0	0	13	17	0	102	179	18	197
PLE	362	8	94	0	0	17	17	0	203	339	26	365
PLN	325	2	72	0	0	11	18	0	207	310	21	331
PLO	236	2	24	0	0	3	13	0	188	230	10	240
PLS	262	1	47	0	0	10	25	0	160	243	10	253
POR	195	3	18	0	0	49	10	1	114	195	2	197
SLK	247	10	83	0	1	9	4	0	131	238	13	251
SLO	137	2	8	0	0	14	10	0	103	137	8	145
SBA	248	0	12	0	0	38	10	1	177	238	0	238
SBI	265	2	23	0	0	57	25	0	146	253	2	255
SCO	144	4	18	0	0	7	4	2	106	141	8	149
SLE	256	4	10	0	1	71	9	0	155	250	2	252
SMA	409	7	32	0	0	103	16	0	247	405	4	409
SSE	191	3	26	0	0	28	3	0	124	184	6	190
SVA	204	3	17	0	0	32	8	0	139	199	6	205
SUE	224	2	9	0	0	43	3	0	155	212	2	214
SUO	113	5	10	0	0	24	0	0	71	110	6	116
THA	112	3	16	0	0	14	1	0	69	103	0	103
UNG	72	3	12	0	1	4	0	0	48	68	7	75
URU	139	0	19	0	0	7	4	0	102	132	5	137
VEN	253	8	36	0	1	18	9	1	168	241	11	252
VIE	137	10	38	0	0	14	25	0	45	132	11	143
ZMB	60	0	15	0	0	5	4	0	38	62	2	64
UPS	129	0	0	0	0	13	0	0	115	128	0	128
RMG	76	0	0	0	0	16	0	0	57	73	0	73
Total	17.466	345	2.440	0	8	2.158	709	16	11.147	16.823	602	17.425
Bispos	90									96		96
TOTAL	17.556	345	2.440	0	8	2.158	709	16	11.147	16.919	602	17.521

*NB - As variações de AFC e BEN são devidas também à transferência dos irmãos da casa de Boortmeerbeek da AFC a BEN.

5.6 Irmãos falecidos (1997 - 1ª lista)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (*Const.* 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P BABULÍK Vojtech	Pezinok	02.03.97	87	SLK
L BIAN François	Pjougastel-Daoulas	21.01.97	80	FPA
P BOSCH BENEJAM				
José	Sant Vicenç dels Horts	02.01.97	56	SBA
P BREVINI Giovanni	Turim	16.01.97	87	ICP
P CADIZ SEPULVEDA				
José del Carmen	Punta Arenas	20.03.97	100	CIL
P CERON Roberto	Salto	12.02.97	70	URU
P CLEVA Mario	Tblmezzo	12.01.97	61	PAR
P COLOSIO Giovanni	Tavernola Bergamasca	04.01.97	88	ISI
P COLUSSI Guido	Ranchi (Kokar)	24.02.97	85	INN
P COMOGLIO Francesco	Turim	31.01.97	90	ICP
L CONTI Lino	Veneza-Mestre	03.01.97	71	IVE
P CZERWIEC Wladislaw	San Isidro (B. Aires)	10.01.97	89	ABA
P FERRERO Prospero	Turim	08.01.97	89	ICP
P FESENMEIER Viktor	Würzburg	03.02.97	66	GEM
P FOTI Orazio	Catania	28.01.97	85	ISI
P FRASSY Enrico	Boko	22.01.97	76	ING
L GHEZZI Battista	Turim	27.03.97	71	ICP
P GLIELMI Fortunato	Nápoles	28.02.97	89	IME
P GRIGGIO Alceste	La Spezia	19.06.96	69	ILT
P GUTIERREZ José	Barcelona	28.01.96	83	SBA
P HERNANDEZ				
Bernardo	S.Isidro de Pérez Zeledon	13.12.96	62	CAM
P HERNANDEZ Nelson	Las Piedras	19.02.97	66	URU
P HORÁČEK František	Sumperk	26.01.97	77	CEP
P HORVAT Aleksander	Santiago do Chile	17.02.97	82	CIL
P JOOSTEN Albert	Kortrijk	24.02.97	80	BEN
P KERVELLA Joseph	Guingamp	13.02.97	80	FPA
P LO POPOLO Sabino	Piedimonte Matese	17.01.97	85	IME
P MARTINEZ Tomás	Santafé de Bogotá	17.12.96	85	COB
P MORELLI Michele	Castellammare di Stabia	02.03.97	82	IME
L NATUREL Pierre	Caen	22.01.97	87	FPA
P O'DONOVAN Daniel	West Haverstraw	03.02.97	87	SUE
P OELLIBRANDT Adolf	Wilrijk	19.03.97	76	BEN
P PADRÃO António	Mogofores	04.01.97	82	POR

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P PETIT Maurice	Sherbrooke	01.03.97	67	CAN
E PICCHI Mario	San Isidro (B.Aires)	29.03.97	82	-
<i>Foi por 3 anos Bispo auxiliar de Comodoro Rivadavia, Administrador apostólico na mesma sede por 1 ano, Bispo auxiliar de La Plata por 3 anos e Bispo de Venado Tuerto por 11 anos.</i>				
P PIÉRART Jean-Pierre	Tournai (Blandain)	15.02.97	58	BES
P PRETTO Luigi	Negrar (Verona)	18.03.97	76	IVO
P RAGONESE Giuseppe	Catania	04.03.97	86	ISI
P RIGHINI Manlio	Turim	01.01.97	80	ICP
P RIPAMONTI Paolo	Varese	13.02.97	82	ILE
L ROSSI Sergio	Rivoli-Turim	13.02.97	65	ICP
P SANTECCHIA Benito	Buenos Aires	10.03.97	65	ABA
P SCOGNAMIGLIO				
Salvatore	Nápoles-Vomero	14.03.97	80	IME
P SÖLL Georg	Benediktbeuern	15.02.97	83	GEM
P SPALLA Giuseppe	Santiago do Chile	05.02.97	82	CIL
P SZKRÓBKA Hilary	Roma	21.01.97	83	IRO
P VALTORTA Giuliano	Brescia	27.02.97	63	ILE
P VAN BASTELAER				
Gerard	Zwijndrecht	13.01.97	85	BEN
P VANDERSTEEGEN				
Gerard	Wilrijk	14.02.97	76	BEN
L VAZ Eulálio	Fatorda Margão (Goa)	03.02.97	65	INB
L VICENTE MILANÉS				
Julián	Ronda (Málaga)	19.03.97	89	SCO
P WALASZEK Leon	Kutno-Wozniaków	02.10.96	81	PLE